

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

JOSELMA ELENA SERPA SILVEIRA

**KAHINA: UMA RAINHA BERBERE DO SÉCULO VII VISTA POR ESCRITORAS
MAGREBINAS CONTEMPORÂNEAS**

Porto Alegre

2017

JOSELMA ELENA SERPA SILVEIRA

**KAHINA: UMA RAINHA BERBERE DO SÉCULO VII VISTA POR ESCRITORAS
MAGREBINAS CONTEMPORÂNEAS**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em História.

Orientador(a): Dr. José Rivair Macedo

Porto Alegre

2017

CIP - Catalogação na Publicação

Silveira, Joselma Elena Serpa
KAHINA: UMA RAINHA BERBERE DO SÉCULO VII VISTA POR
ESCRITORAS MAGREBINAS CONTEMPORÂNEAS / Joselma
Elena Serpa Silveira. -- 2018.
51 f.
Orientador: José Rivair Macedo.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em
História, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Kahina. 2. Memória coletiva. 3. Representação.
4. Feminismo. 5. Resistência. I. Macedo, José
Rivair, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a Universidade Federal do Rio Grande do Sul que me acolheu, e todos que foram meus professores.

Agradeço especialmente ao meu orientador, o professor José Rivair Macedo. Seu conhecimento e incentivo foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Ao meu irmão Sergio e à minha sobrinha Rafaela, sempre presentes em todos os momentos de minha vida, agradeço o apoio e o carinho.

Ao meu médico e amigo Pedro Henrique Zoratto, obrigada pela dedicação com que tem me ajudado.

Aos familiares e amigos queridos, agradeço por tudo que temos compartilhado.

Quero homenagear minha avó materna e minha mãe, exemplos de coragem, determinação e sabedoria ao longo de suas vidas.

E a minha filha Luciana que me tornou uma pessoa mais generosa e forte. Obrigada a todos!

*Kahina, Kahina,
Teu nome está gravado nas nossas memórias.*

Mohand Imazatene

RESUMO

Este trabalho visa analisar, através da narrativa de escritoras magrebina contemporâneas, a história da rainha Kahina, que no século VII une o povo berbere (Amazigh) e resiste aos novos conquistadores, os árabes. Nesse sentido, buscou-se compreender como a história de Kahina se perpetuou na memória coletiva do Magreb e como hoje é representada como um símbolo de resistência feminina. Para isso, analisou-se escritoras magrebina selecionadas que falaram do papel de Kahina na região e as representações da rainha através de diferentes expressões artísticas.

Palavras-chave: Kahina. Memória coletiva. Representação. Feminismo. Resistência.

ABSTRACT

This work aims to analyze, through the narrative of contemporary Maghreb women writers, the story of Queen Kahina, who in the 7th century unites the Berber people (Amazigh) and resists the new conquerors, the Arabs. In this sense, we tried to understand how the story of Kahina was perpetuated in the collective memory of the Maghreb and how it is today represented as a symbol of feminine resistance. For this, we studied selected Maghreb women writers who spoke about the role of Kahina in the region and the representations of the queen through different artistic expressions.

Keywords: Kahina. Collective memory. Representation. Feminism. Resistance.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 KAHINA, A RAINHA QUE VIVE ATRAVÉS DOS SÉCULOS NA MEMÓRIA COLETIVA DO MAGREB	11
2.1 IFRIKIYA NO SÉCULO VII – OS BERBERES (IMAZIGHEN) E O GRUPO DJÉROUA	14
2.2 KAHINA	17
2.3 INVASÃO ÁRABE	18
3 ANÁLISE DA NARRATIVA DE AUTORAS MAGREBINAS CONTEMPORÂNEAS SOBRE A RAINHA KAHINA REPRESENTADA COMO SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA DAS MULHERES	22
4 REPRESENTAÇÕES DE KAHINA ATRAVÉS DE EXPRESSÕES ARTÍSTICAS ...	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
FONTES.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45
ANEXO A – CAPA DO LIVRO DE OSIRE GLACIER.....	48
ANEXO B – CAPA DO LIVRO DE BAYA JURQUET BOUHOUNE E JACQUES JURQUET	49
ANEXO C – CAPA DO LIVRO DE NAHLA ZÉRAOUI	50
ANEXO D – BANDEIRA AMAZIGH	51

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa analisar, através da narrativa de escritoras magrebinas contemporâneas à história da rainha Kahina, que no século VII une o povo berbere (Amazigh) e resiste aos novos conquistadores, os árabes. Esta pesquisa tentará abordar, analisar, responder alguns questionamentos que serão elencados a seguir: (i) como se perpetuou através dos séculos na memória coletiva do Magreb a história de Kahina; (ii) a importância e o significado para as escritoras magrebinas selecionadas representar Kahina como símbolo de resistência feminina; (iii) o que representa para as mulheres do Magreb a visibilidade que Kahina tem através de diferentes expressões artísticas.

A história de Kahina foi transmitida, a princípio, oralmente e depois, ao longo dos séculos, foi escrita por muitos historiadores muçulmanos e ocidentais. Pretende-se acompanhar e analisar esse processo de se perpetuar na memória coletiva do Magreb.

Sobre o conceito de memória coletiva há muitas abordagens em torno desta questão. O pioneiro na reflexão mais sistemática sobre esse conceito foi o sociólogo Maurice Halbwachs, ao afirmar que

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros porque estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo¹.

Assim só se pode falar em memória coletiva a partir do momento em que evocamos um evento que teve lugar na vida de nosso grupo. Para recordar é preciso que nosso pensamento não deixe de concordar com os pensamentos dos outros membros dos grupos.

Quando pretende-se estudar a África é necessário, segundo o historiador José Rivair Macedo, “constituir-se o conhecimento histórico e narrar a partir de uma perspectiva africana”². O filósofo marfinês, radicado na República do Benin, Paul J. Hountondji³, questiona “em que medida são africanos os chamados Estudos Africanos?” Defende uma nova orientação e novas ambições para a investigação feita por africanos em África. Que o conhecimento acumulado deve ser apropriado pelas sociedades africanas.

¹ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. S. Paulo: Ed Centauro, 2013, pag. 39.

² MACEDO, José Rivair. **Desvendando a história da África**. Porto Alegre. Ed UFRGS, 2008, pag. 13

³ HOUNTONDJI, Paulin. “Conhecimento de África, conhecimentos de africanos: duas perspectivas sobre os Estudos Africanos”, in: SANTOS, Boaventura Souza; MENESES, Maria (orgs). **Epistemologias do Sul**. Coimbra. Almendina, 2009, pag. 149, 160.

Outro fator importante a ser enfatizado quando se fala da história das mulheres e os estudos de gênero na África é a diversidade das mais variadas conjunturas sociais. Como nos demonstra o historiador José Rivair Macedo⁴

O papel reservado as mulheres era muito amplo tanto na vida econômica, quanto na vida religiosa e mesmo nas formas de governo. Prevalecendo por muito tempo formas de organização de tipo matrilinear, em que a sucessão se fazia pela linha materna.

O historiador e antropólogo senegalês, Cheik Anta Diop afirma que “no tocante ao aspecto sociopolítico a lógica matrilinear da sociedade africana a distinguia da lógica patrilinear do mundo ocidental”⁵.

A história das mulheres está associada aos movimentos feministas que surgem nas décadas de 60 e 70 em vários cantos do mundo para propor um novo olhar com uma nova abordagem que trate a mulher com a mesma importância social dada aos homens. A mulher nunca deixou de fazer história e começa-se a dar visibilidade registrando suas falas e ações.

Neste contexto, diversas abordagens teórico-metodológicas são utilizadas para estudar a história das mulheres. O historiador cultural Roger Chartier destaca a importância da representação para o entendimento do universo cultural, destacando os benefícios de se estudar a história das mulheres pelas representações: “ao abordar a história das mulheres pelas representações, busca-se trazer para o cenário os discursos de construção de identidades e da interpretação masculina. Cabe, então, a nós homens e mulheres, contribuir para desnaturalizar essa história”⁶.

O sociólogo e antropólogo Pierre Bourdieu, em seu livro “A dominação masculina”, “através da descrição etnográfica da sociedade Cabila, verdadeira depositária da sociedade do inconsciente mediterrâneo, oferece um instrumento valioso para dissolver as evidências e explorar as estruturas simbólicas desse inconsciente androcêntrico, que sobrevive nos homens e nas mulheres de hoje”⁷. O conceito de violência simbólica é definido “como a violência não percebida, fundada sobre o reconhecimento, obtida por um trabalho de inculcação da

⁴ MACEDO, José Rivair. **História da África**. São Paulo: Editora Contexto, 2014, cap. 2, p. 27.

⁵ AMBRÓSIO, Gabriel; KASSOUM, Diéme. Cheik Anta Diop e a produção do conhecimento científico. In: MACEDO, Rivair José (org) **O pensamento africano do século XX**. S. Paulo: Outras Expressões, 2016, pag. 82.

⁶ CHARTIER, Roger. **A história Cultural entre práticas e representações**. RJ: Difel/Bertrand Brasil, 1990, pag. 40.

⁷ BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, pag. 13.

legitimidade dos dominantes sobre os dominados e que assegura a permanência da dominação e a reprodução social”⁸.

Os estudos de gênero iniciam-se na década de 70. Mas, enquanto categoria, é recente. A historiadora Joan Scott destaca que o gênero como categoria analítica, tal como as de raça e classe, promovem a inclusão dos oprimidos na história, como também tem possibilitado a análise do significado e da natureza da opressão e a compreensão acadêmica de que as desigualdades face ao poder estão relacionadas ao menos a três elementos: gênero, raça e classe. O sentido dado ao gênero, numa dimensão analítica, só é possível com a adoção de novos paradigmas teóricos.

Através da proposta teórica de Scott

O gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, de outro lado é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre às mudanças nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único⁹.

A categoria gênero tem sido recorrente nos trabalhos recentes. A questão é que gênero é uma categoria nascida para explicar dinâmicas ocidentais. Há diferentes configurações de relações masculino/feminino e distintas posições que mulheres ocupam no continente africano. Encontram-se diversas e complexas configurações de poder político nas sociedades africanas.

Dentro dessa perspectiva é fundamental que se tenha uma visão ampla dos processos históricos dessas realidades. As relações das mulheres do Magreb e o Islã têm que ser analisadas tendo-se em conta suas especificidades.

A historiadora Valdecila Cruz Lima, em sua tese de doutorado, analisa e faz uma divisão dos movimentos de mulheres muçulmanas. Mostra que:

É uma realidade bem complexa e a identidade feminina é vivenciada de múltiplas maneiras nos mais diferentes países muçulmanos. Apesar da opressão social e do forte controle da sexualidade feminina comum a todos os países muçulmanos, as condições das mulheres são variadas¹⁰.

⁸ BOURDIEU, Pierre. op. cit, pag. 7.

⁹ SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org). **A escrita da História**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, pag. 87.

¹⁰ LIMA, Valdecila Cruz. **Feminismo islâmico**: mediações discursivas e limites práticos. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017, pag. 12.

Na pesquisa a historiadora classifica os movimentos feministas nesses países de feminismo secular que seria de origem ocidental, mas com desdobramentos a essas realidades e feminismo islâmico. Esse último associa o paradigma islâmico a uma atuação feminista para reinterpretar as fontes religiosas do Islã, dessa forma repensando a posição da mulher no mundo muçulmano. Há ainda um outro tipo de ativismo chamado movimento islamista. Este, apesar de revelar uma maior presença das mulheres nos espaços públicos, tem sido instrumento de legitimação para a manutenção do status quo.

Diante desse desafio, que é pesquisar sobre essa rainha que tem suscitado interesse tanto de historiadores e historiadoras, quanto de escritores e escritoras magrebins, pretende-se desenvolver o trabalho em três capítulos e as considerações finais. O primeiro capítulo enfocará a história de Kahina e de sua região, o Magreb, sendo subdividido da seguinte maneira: (2.1) A Ifrikyia no século VII: Os Berberes (Imazighen) e o grupo Déjeroua; (2.2) a rainha Kahina; (2.3) A invasão árabe. O segundo capítulo centrará na análise da narrativa de autoras magrebins contemporâneas sobre a rainha Kahina representada como símbolo de resistência das mulheres. E o terceiro, por fim, tratará das representações de Kahina através de diferentes expressões artísticas. As considerações finais serão uma reflexão acerca da fascinante rainha, dando visibilidade a ela como símbolo de combate a muitas mulheres comuns que lutam para existir plenamente em igualdade com os homens.

Uma imagem mais ampla e diversificada fora dos estereótipos precisa ser conhecida. As mulheres do norte da África tem tido lutas significativas por conquistas e reivindicações por igualdade de direitos civis e políticos. Apesar do enfoque da pesquisa ser a rainha Kahina nos estudos de gênero, não se pode deixar de mencionar que Kahina é reivindicada pelos berberes e judeus como símbolo de resistência. Ela representa um apelo a ação política. Há, atualmente, entre os berberes um sentimento de rejeição quanto a sua suposta origem árabe, gerando uma crise identitária em que são procurados modelos no passado para uma nova democracia e um espírito revolucionário.

2 KAHINA, A RAINHA QUE VIVE ATRAVÉS DOS SÉCULOS NA MEMÓRIA COLETIVA DO MAGREB

Os estudos empreendidos por Maurice Halbwachs sobre memória coletiva contribuíram definitivamente para a compreensão dos quadros sociais que compõem a memória, demonstrando que se não forem levados em conta os contextos sociais que servem de base para reconstrução da memória o fenômeno da recordação e da localização das lembranças não pode ser percebido e analisado.

Para o autor, memória coletiva e História são duas esferas:

A História é a compilação dos fatos que ocuparam maior lugar na memória dos homens. No entanto, lidos nos livros ensinados e aprendidos nas escolas, os acontecimentos passados são selecionados, comparados e classificados segundo necessidades ou regras que não se impunham aos círculos dos homens que por muito tempo foram seu repositório vivo¹¹.

Há uma revisão teórica que visa menos uma refutação das teses desse autor do que uma reatualização do conceito. Uma das críticas seria a não referência sobre as relações de poder que se estabelecem entre os grupos e como a memória foi por muito tempo um recurso utilizado para legitimar o poder de algumas classes sociais em detrimento de outras.

Nas pesquisas mais recentes os autores tem refletido sobre a questão da memória e História enfatizando a interpenetração das duas instâncias tornando mais ricas as interpretações. Para citar autores, que tem desenvolvido um novo campo de estudo sobre a questão, tem-se os historiadores franceses Pierre Nora e Jacques Le Goff. Esses autores assumem ressignificações sobre o conceito de memória coletiva.

Com Pierre Nora há um momento conceitual importante sobre “lugar de memória”. O autor concebe memória como o que fica do passado vivido dos grupos sociais ou o que os grupos sociais fazem dessa experiência humana preservada. Ele relaciona o conceito de “lugar de memória” às contribuições de Maurice Halbwachs a respeito de memória coletiva: Afirma que “lugares de memória são sinais de reconhecimento e de pertencimento numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos idênticos”¹². Em um mundo em crescente mobilidade há necessidade de lugares de memória como compensação. “Os lugares de memória são antes de

¹¹ HALBWACHS, op. cit, p s. 100, 101.

¹² NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos**, São Paulo, n.º 10, 1993, p. 13.

tudo, restos, marcos testemunhais de uma outra era das ilusões¹³. Quanto menos se vive a memória no interior, maior a necessidade de suportes exteriores. Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, de que é preciso criar arquivos.

O historiador Le Goff situa o seu objeto de estudo a memória coletiva, mais que as memórias individuais no campo científico global, lembrando que, no geral a memória é tratada como “propriedade de conservar certas informações”¹⁴. Em seu estudo associa a memória a fenômenos comportamentais, ligando-o, assim, à esfera das ciências humanas e sociais. Por isso mesmo é que aproveita o enunciado de Pierre Janet para o qual “O ato mnemônico fundamental é o comportamento narrativo que se caracteriza antes de mais nada pela sua função social, pois que é comunicação a outrem de uma informação na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo”¹⁵.

No mesmo sentido, ele afirma aproveitar as tipologias “comportamentais” de André Leroi- Gourhan que divide a memória coletiva em três tipos: a memória específica, que define a fixação dos comportamentos das espécies animais; a memória étnica, que assegura a reprodução dos comportamentos nas sociedades humanas; a memória artificial, eletrônica na sua forma mais recente, que assegura a reprodução dos atos mecânicos encadeados. O critério adotado pelo autor para a divisão da história da memória foi o da sua transmissão.

Mesmo adotando como critérios de periodização as formas de transmissão da memória, Le Goff prefere, “para melhor valorizar as relações entre a memória e a história”¹⁶, evocar separadamente uma primeira fase, a da transmissão oral que existe tanto em sociedades que permaneceram na oralidade como naquelas que adotaram a escrita. Nestas últimas – sociedades gráficas – ele periodiza a história de sua memória em mais quatro fases: fase antiga, com predomínio da oralidade e com funções específicas para a memória; a fase medieval, de equilíbrio entre a oralidade e escrita, com importantes metamorfoses nas funções da memória; a fase moderna, da lenta revolução promovida pela imprensa e alfabetização; e a fase contemporânea, da espetacular expansão da memória pelos meios eletrônicos e de transmissão.

Le Goff, na parte final de seu livro, alinha as considerações a seguir, nos dando a dimensão de como seu conceito deve ser utilizado para uma melhor interpretação da memória coletiva:

¹³ NORA, Pierre. op. cit p. 13.

¹⁴ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas. Ed. Unicamp, 1996, p. 423.

¹⁵ LE GOFF, op. cit, pag. 424,425

¹⁶ LE GOFF, op. cit, pag. 427

A evolução das sociedades na segunda metade do século XX clarifica a importância que a memória coletiva desempenha. Exorbitando a história como ciência e como culto público, ao mesmo tempo o montante, enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos/monumentos, e o aval, eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção.

Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.

Cabe, com efeito, aos profissionais científicos da memória, antropólogos, historiadores, jornalistas, sociólogos, fazer da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua objetividade científica.

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens¹⁷.

As fases da relação entre memória e História na perspectiva de Le Goff é marcadamente europeia. São conceitos para as sociedades ocidentais.

No entanto, compreende-se a importância do conceito de memória e acreditando, como Le Goff, que a memória coletiva deve servir a libertação de homens e mulheres é que pretende-se abordar como se perpetuou na memória coletiva desde o século VII até hoje a história da rainha berbere Kahina.

O historiador Abdelmajid Hannoun¹⁸ escreveu um texto bastante esclarecedor sobre os tipos de historiografias que foram escritos sobre Kahina. Um primeiro tipo foi escrito exclusivamente por historiadores em Medina, Bagdá e Bassora, no Machrek (desde período o mais antigo foi escrito em 822); um segundo, na época medieval, mais precisamente durante os séculos XIII e XIV por historiadores magrebinos, essencialmente, mas não exclusivamente; e uma historiografia moderna na era colonial. Nos primeiros textos Kahina é o anti-herói, e o muçulmano, Hâssan Al Numân é o herói. A morte dessa mulher significa fim da infidelidade e a restauração da lei de Deus. Quando os berberes conseguem assegurar uma autonomia considerável sob os Aglábidas, as narrativas à resistência de Kahina assumem outra versão. No século XIV, um gênero literário chamado mafâkhir tem como objetivo dar uma imagem positiva dos berberes remetendo-os a uma origem árabe e valorizando suas qualidades. O erudito Ibn

¹⁷ LE GOFF, Jacques op. cit., p., 475, 476 477

¹⁸ HANNOUN, Abdelmajid. **Historiographie et légende au Magreb: La Kahina ou la production d'une mémoire.** 1999. Disponível em: <www.persee.fr/doc/ahess_0395-26491999_num_54_3_279771>. Acesso em: 10 out. 2017.

Khaldoun¹⁹ (1332-1406) no seu *ibar*²⁰ toma a defesa dos berberes e os remete a uma origem oriental. O autor conclui que desde o século XI existem dois mitos: um referente a missão civilizadora do Islã e outro a origem dos berberes. E dentro do contexto colonial no século XIX os historiadores apresentam uma narrativa na qual árabes e berberes têm uma origem comum devido a ameaça europeia que causava profundas inquietações.

O autor investiga a construção do mito de Kahina como se formou, a partir de quais elementos. Kahina atravessa os séculos na memória coletiva pelos símbolos que representa. A análise revelará, igualmente, como os historiadores e cronistas elaboraram uma mitologia para justificar a presença árabe no Magreb e explicar a posição dos berberes na comunidade muçulmana. Essas narrativas da história fundamentadas na luta pelo poder para justificar uma suposta supremacia árabe não coincidem com a memória coletiva dos berberes que a admiram como uma grande rainha que luta pela liberdade de seu povo.

2.1 IFRIKIYA NO SÉCULO VII – OS BERBERES (IMAZIGHEN) E O GRUPO DJÉROUA

O historiador marroquino Abdallah Laroui²¹ escreveu a obra que é considerada uma das narrativas mais relevantes sobre o Magreb. O livro a História do Magreb tem uma abordagem de afirmação da história dos povos do norte da África. Uma história que não seja do invasor colonizador, própria e independente do imaginário ocidental. De colonizadores em colonizadores, os povos autóctones do norte da África depararam-se com fenícios, gregos, romanos, vândalos, bizantinos e no século VII os árabes. Sua existência desse modo sempre foi pautada e analisada a partir da perspectiva do outro, do estrangeiro. É importante a primazia de estudos que respeitem a história do ponto de vista desses povos. Segundo as palavras de Laroui “eram representados como povos sem história. A narrativa se fazia através da história dos invasores em solo africano. Houve um movimento de “deshistorização e redução da população a um nível antropológico”²². Sendo o Magreb representado como uma área de conflito entre duas entidades antagônicas o Oriente e o Ocidente. E na verdade tiveram uma história muito rica com uma complexidade e dinâmica cultural próprias.

¹⁹ KHALDOUN, Ibn. **Histoire des Berbères**. Alger: éditions Berti, 2003.

²⁰ *Kitab-al-ibar* – livro que tornou Ibn Khaldoun um clássico, A História Universal. O livro consta de três partes principais, a famosa introdução *al Muqaddimah* (Os prolegômenos); uma segunda parte: Livro (ou História) dos berberes, dedicada à história dos povos árabes e berberes; e finalmente a autobiografia com informações da última fase da vida do autor.

²¹ LAROUÏ, Abdallah. **Histoire del Magreb**. Madri: Editorial MAPFRE, 1994.

²² LAROUÏ, Abdallah ,op. cit., p. 328.

No I milênio, no momento em que se completava sua desertificação do Saara, alguns grupos migraram para o Norte e se estabeleceram em áreas costeiras do Mediterrâneo, onde havia abundância de água; foram os antepassados dos povos berberes dos atuais Marrocos, Argélia, Tunísia e Líbia. A Ifrikiya é a região que corresponde a atual Tunísia, noroeste da Líbia e nordeste da Argélia. Nesta região vivia a rainha Kahina nas montanhas de Aurès.

Figura 1 – Mapa Magreb atual²³



Arqueólogos renomados como Gabriel Camps²⁴ e Stephané Gsell²⁵ realizaram uma série de estudos a respeito dos berberes norte-africanos. Havia muita controvérsia sobre a origem desses povos, dando-lhes uma origem ocidental e outros acreditando ser oriental. Há um reconhecimento hoje que são povos autóctones que se dividiram em uma multiplicidade de povos. Os diferentes vizinhos deram-lhes diversos nomes. Os egípcios lhes deram o nome de Lebu, os gregos os denominaram Lebou ou Líbios e os romanos deram o nome de mouros a todos os habitantes da Berberia. Os romanos que os julgavam estrangeiros a sua civilização os denominaram berberes. Divididos em grupos (qabilas), muitas vezes rivais, espalhados por uma vasta área geográfica, apesar de costumes e língua semelhantes nunca se uniram como Estado. Podemos citar os Garamantes no Saara Oriental, os Númidas no Magreb Oriental e Central, os Getulos entre o deserto e a montanha, os Mouros no Magreb Ocidental. A presença dos berberes

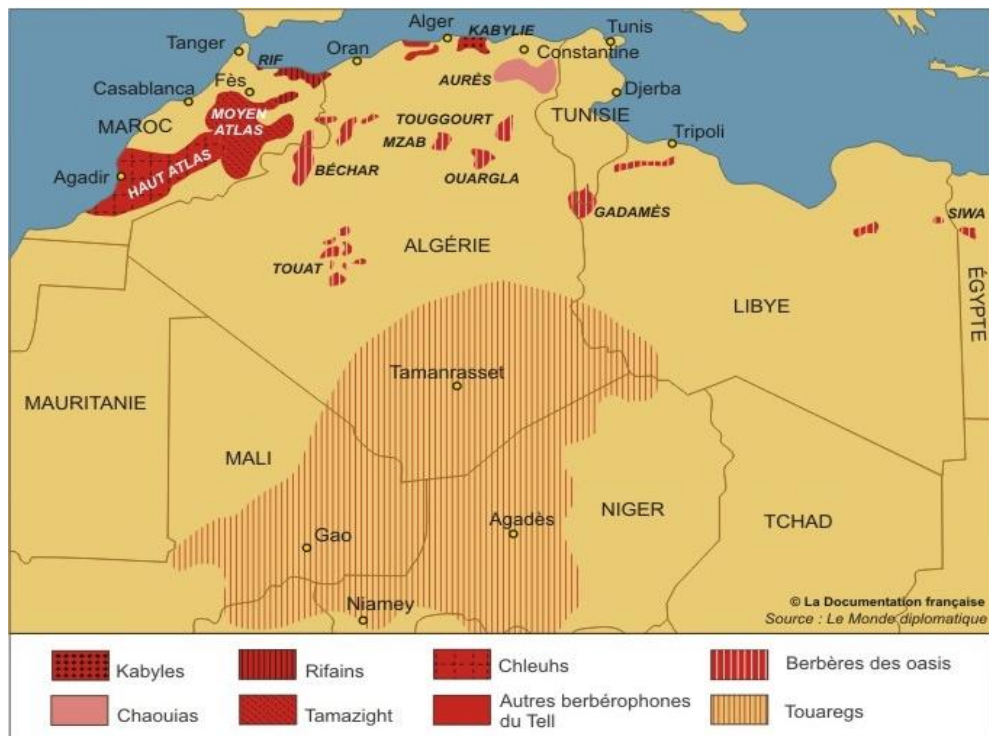
²³ MAGREB STUDIES ASSOCIATION. The word Maghreb. 2004. Disponível em: <http://www.maghreb-studies-association.co.uk/en/allhome.html>> Acesso em: 10 nov. 2017.

²⁴ CAMPS, Gabriel. *Les Bèrberes Mémoire et identité*. Paris: ed. Actes Sud, 2007.

²⁵ GSELL, Stephané. *Études sur l'Afrique Antique*. Scripta Varia (travaux et recherches). Lille: ed. Université de Lille, 1981.

é reivindicada ser de mais 5000 anos. Eram grupos nômades e souberam tirar proveito dos recursos oferecidos por um meio inóspito. Comerciantes e principais transportadores de produtos como peles, animais selvagens, marfim, cerâmicas, lanças, pedras preciosas e sal e levavam em caravanas. Se autodenominavam Amazigh que no plural é Imazighen e o feminino é Tamazight. O significado dessa denominação seria “homens livres” ou “homens nobres”. O idioma é o tamaseght, mas há diversas formas de línguas berberes: Chleuh, Chenoui, Chaoui, Soussi, Rifain, Kabyle, Mozabite, Nafusi, Touareg são as mais importantes variações da língua.

Figura 1 – Mapa dos Grupos Berberes na região²⁶



É relevante ressaltarmos que os importantes estudos realizados pelos arqueólogos citados partem de um ponto de vista da ótica romana ou mesmo fenícia-cartaginesa. Hoje há uma abordagem dando primazia as pesquisas que resgatam a História do ponto de vista desses povos como já foi citado anteriormente.

O grupo de Kahina, os Djéroua (ou jrâwa dependendo do autor) chegaram em 483d.C.nas montanhas de Aurès. O erudito Ibn Khaldoun descreve em sua obra os Djéroua que habitavam a Ifrikya como “um povo que se distinguia por sua força e pelo número de guerreiros”.²⁷ O nascimento dos Djéroua tem o início de sua história quando, no ano de 320 a.C., Ptolomeu sucede a Alexandre o Grande. Ele invade a Palestina e deporta mais de mil

²⁶ CONGRÈS MONDIAL AMAZIGH. **Le Congrès Mondial Amazigh en bref**. 2017. Disponível em: <https://www.congres-mondial-amazigh.org/cma/>. Acesso em: 30 nov. 2017.

²⁷ KHALDOUN, op. cit., p. 208.

judeus para Cirenaica. Os judeus vivem em paz com os líbios até a chegada dos romanos que os perseguem. Depois de muitos conflitos, os judeus conseguem durante três anos controlar a Cirenaica. Os romanos se reorganizam e suas tropas massacram milhares de judeus e de líbios e tornam a vida daquela região impossível. Os sobreviventes adotam uma vida nômade no Saara não podendo se aproximar das vilas costeiras e das zonas controladas por Roma. Os dois povos se unem e se misturam fundando a tribo Djéroua. Chegam nas montanhas de Aurès em 483, onde se instalam.

2.2 KAHINA

Todos os autores e autoras a descrevem como uma mulher de uma beleza fascinante, de uma coragem inigualável, de uma força excepcional. Muitos são os exemplos de mulheres no Magreb que se destacaram. Tin Hinan foi uma dessas que se perpetuou na memória coletiva. Foi considerada a mãe fundadora do povo *tuareg*²⁸. Quando esta rainha morreu conta-se que cada targuí que passava perto de seu túmulo depositava uma pedra. Pouco a pouco elevou-se um monumento no sudoeste do *Tamanrasset* (cidade da Argélia da província do mesmo nome) de trinta metros de altura. Mas a magrebina que atravessa a História Cultural do Magreb e marca sua época por sua personalidade extraordinária é a rainha Kahina. Muitas interpretações na História e na Literatura têm sido feitas não havendo consenso sobre certos aspectos. O nome e o seu significado tem diversas versões. Kahina, que foram os árabes que a chamaram, significa aquela que advinha, a profetisa, que conhece e evoca o futuro, podemos dizer a mágica. Teria um dom profético sabendo analisar os acontecimentos e predizer o futuro. Outros dizem que o nome verdadeiro é Diya (bela) ou Damya (aquela que advinha). Os berberes a chamavam de Diya Tadmud ou Diya Tadmuyt, que significa gazela. Outro significado seria uma qualidade hereditária quase sacerdotal, que viria do hebreu. Sobre a religião da rainha há controvérsias também e a História não tem provas necessárias que precisem com exatidão a crença que professava. O erudito Ibn Khaldoun²⁹ do século XIV e o historiador contemporâneo argelino Didier Nebot³⁰ e a advogada e literata tunisiana Gisèle Halimi³¹ afirmam que era judia. O historiador e arqueólogo Gabriel Camps³² assegura que era cristã, mas o argumento contrário é

²⁸ Os *tuareg* (ou tuaregues em português) são um importante grupo étnico do deserto do Saara. No singular esses indivíduos são conhecidos como *targuí*.

²⁹ KHALDOUN, op. cit.

³⁰ NEBOT, Didier. **La Kahéna Reine D'Ifrikia**, Paris: Des éditions Anne Carrière, 1998, 324 p

³¹ HALIMI, Gisèle. **La Kahina**. Paris: ed. Plon, 2006, 260 p

³² CAMPS, op. cit.

que se fosse teria se aliado aos bizantinos. Há versões de outros autores que acreditam ser a rainha uma pagã, adoradora de Gurzil, uma divindade amazigh, deus da guerra, representado por um touro. Os grandes chefes Imazighen colocavam na frente das tropas, durante as batalhas, um ídolo de pedra representando Gurzil. Porém não há elementos que indiquem que Kahina foi uma praticante.

Os autores citados fizeram estudos detalhados sobre a questão religiosa, mas a controvérsia persiste. Quanto aos fatos da invasão árabe o que não se tem precisão são as datas. No entanto há unanimidade em todas as narrativas sobre como os berberes comandados por Kahina enfrentaram com bravura os árabes.

2.3 INVASÃO ÁRABE

A luta de Kahina contra os invasores árabes é relatada sem muitas discordâncias sobre os fatos, mas as datas não são sempre precisas. No século VII, a Ifrikiya era uma região rica, mas ao mesmo tempo considerada pelos árabes fácil de ser conquistada por não ter coesão e pela influência cada vez menor das instituições romanas e dos chefes bizantinos. Os árabes começam atacando o Egito em 642, que serve de base para as próximas operações. Após esta conquista se dirigem para Antaboulos e Ifrikiya. São expedições contra os berberes e os Roum (bizantinos do Magreb). Não encontram obstáculos sérios e após o assassinato do Califa Othmane, a região consegue por dezessete anos viver em paz. As próximas expedições são as que efetivamente começam a conquista do território com o Califa Mouawya da dinastia omíada enviando chefes militares. A expedição chefiada por Ockba-ibn-Nêfri-l’Fihri obteve melhores resultados e é fundada a cidade de Kairouan em 670: “Ockba é bem superior aos seus predecessores, ele não vem somente para pilhar: ele deseja se estabelecer em Ifrikiya. Ele consagra este projeto no seu primeiro ano de governo”³³.

Ockba quer submeter e converter os habitantes ao Islã. Com este objetivo parte com dez mil homens para dominar definitivamente a África. A primeira cidade muçulmana fundada, Kairouan, foi escolhida por sua posição estratégica que permitia ver de longe os inimigos e se proteger. Foi uma cidade de resistência contra os bizantinos e sobretudo os berberes. Para alguns historiadores a conquista árabe começa com essa terceira expedição.

³³ CAUDEL, Maurice. **Premières invasions arabes dans l’Afrique du Nord**. Paris: Ernest Leroux, 1900, p. 183. No original: *Ocbah est bien supérieur à ses devanciers, il ne pas venu seulement pour piller: il veut créer un établissement durable em Ifriqiāh. Il consacre à ce projet sa première année de gouvernement.*

A reação contra Ockba vem comandada por um príncipe cristão e chefe berbere da tribo Ouaréba que consegue reunir uma coalização de forças com os berberes. Koceila (ou Kusayla) reinava Aurès Ocidental e resiste a Ockba. Devido a problemas palacianos na Arábia, o chefe árabe interrompe sua campanha. Em seu lugar fica Abou el-Mohadjir que prefere uma estratégia de se aproximar dos berberes e fazer uma aliança com os Ouaréba realizando expedições de pilhagem e com o intuito, ao mesmo tempo, de terminar com os Roums que ainda estavam na África. Ockba depois de um tempo volta ao poder como governador da Ifrikiya e ataca os berberes. Acreditando que havia vencido, se confronta com Koceila que o mata numa emboscada em 683. Ockba é surpreendido com a coalização de berberes e bizantinos que encontra em Biskra. Koceila se torna o chefe supremo dos berberes e da Ifrikiya e seu domínio dura de 682 a 687. Os árabes só retornam comandados por Zohair-Ibn Qais determinado a conquistar e acabar com o chefe berbere. O novo Califa Abd el-Malek Ibn Merouan confia à Zohair a nova expedição para o enfrentamento com Koceila que se estabelece em Nems perto de Kairouan. A batalha acontece e o chefe berbere é morto e seu reinado termina em 686. “Na história de Koceila, os grandes feitos acontecem em torno de Aurès. É a sudoeste de Aurès, ao lado de Biskra, que ele tem sua grande vitória e mata Ockba. É a leste de Aurès, entre Kairoun e Aurès que ele perde sua vida e seu trono”³⁴.

Começa o reinado da rainha berbere Kahina. Havendo sucedido Koceila se torna a autoridade em toda a África do Norte e sua tribo passa a dominar Aurès Oriental, se tornando a chefe do Magreb inteiro. O próximo general enviado pelo Califa Abd el Melek é Hassan Ibn Noomare el Ghassani: “quarenta mil homens são confiados a Hassan. É o maior exército árabe que foi enviado à África; eles atacam Kairouan. A diferença entre Hassan e seus predecessores é que ele tem verdadeiras concepções estratégicas e não simples qualidades de um guerreiro corajoso”³⁵.

Na primeira batalha denominada Meskiana, Hassan quer conhecer o poder da grande estrategista que é Kahina.

Hassan pergunta aos habitantes da Ifrikiya qual o chefe famoso que ainda resta e lhe respondem: Kahina.

³⁴ GAUTIER, Emille Félix. **Le Passé de l’Afrique du Nord**. Les siècles obscurs, Paris; Payot, 1964, p.252. No original: *Dans l’histoire de Koceila, les grands faits se groupent autour de l’Aurès. C’est au sud-ouest de l’Aurès, à côté de Biskra, qu’il a remporté sa grande victoire, et tué Sidi-Ocba. C’est à l’est de l’Aurès, entre Kairouan et l’Aurès, qu’il a perdu le trône et la vie.*

³⁵ CAMPS, Gabriel. **L’Afrique du Nord au féminin**: héroïnes du Magreb et du Sahara, Paris; Perrin, 1992, p.130. No original: (...) *quarante mille hommes sont confiés à Hassan Ibn Noman. C’est la plus grande armée arabe jamais envoyée en Afrique; elle atteint kairouan et s’en empare. A la différence de ses prédécesseurs Hassan semble avoir eu de véritables conceptions stratégiques et non les simples qualités d’un vaillant sabreur.*

Quem é o mais importante chefe da Ifrikiya? É uma mulher, que é chamada Kahina; ela vive na montanha de Aurès. Todos os habitantes da Ifrikiya a respeitam e os bizantinos lhe obedecem sem murmurar. Se tu a matas, bizantinos e berberes perdem a esperança de achar refúgio.³⁶

O general começa por submeter Cartago e Kahina deixa a montanha de Aurès comandando uma multidão de guerreiros. Reúne os Djéroura e envia mensagens para todos os diferentes grupos, os chamando para o combate contra os árabes. O encontro dos dois exércitos é violento. Hassan se posiciona na margem do rio Meskiana, ao norte de Aurès, e é vencido pelo exército de Kahina, que resiste bravamente e faz alguns prisioneiros. Dentre esses prisioneiros se encontra Kaled, que Kahina adota como filho. Alguns autores afirmam que ele se torna seu amante.

Kahina continua, durante cinco anos, reinando a Ifrikiya e governando os berberes. Em Gabès há uma batalha que foi desastrosa para os árabes. Kahina obriga Hassan a sair e os bizantinos recuperam Cartago. Hassan recebe ordem do Califa dos muçulmanos de se estabelecer no lugar hoje denominado Qusur Hassan (castelo Hassan). Ele fica com seus homens durante três anos nos quais Kahina governa Ifrikiya inteira. Esta foi a vitória que deu mais prestígio à Kahina, se tornando a rainha da Ifrikiya, da Numidia, de Gabès, como seu ancestral Masinissa onze séculos antes.

Mas Hassan contra-ataca e recupera Cartago em 698. Neste momento Kahina comete o erro fatal de aplicar a política da terra arrasada, desaprovada pelos berberes, que a traem se aliando aos inimigos. Acreditando que os árabes só queriam saquear sua terra para levar um rico butim, ela ordena destruir as riquezas do país. Foi seu erro monumental. Tudo é devastado, as barragens destruídas e as florestas incendiadas, com a intenção de dissuadir o adversário. Kahina perde seus aliados que vivem da agricultura.

Com os berberes divididos e os Roums também contra Kahina, a batalha de Gabès é vencida por Hassan. Na noite anterior à batalha que Kahina irá perder seu trono e sua vida, ela tem uma visão da derrota. Ela reúne seus filhos, um berbere e outro grego e os ordena a passar para o lado inimigo. Kahina era conhecida por sua coragem e seu senso de honra. Quando seus filhos pedem para que fuja, ela diz “que deve saber morrer como rainha”. Outro fator que também contribui para a derrota de Kahina foi Kaled que acaba a traindo, enviando mensagens

³⁶ IDRIS, Roger Hady, **Le Récit d’Al Malik sur la conquête de l’Ifrikiya**, Paris: laboratoire Orientaliste Paul Geuthner, 1969, p. 143, 144. No original: *Hassan demanda: Quel est le plus importante des rois d’Ifriqya? (...) C’est une femme, lui dit-on, qu’on appelle la Kahina; elle se tient dans la montagne de l’Aurès. Tous les habitants de l’Ifriqya la redoutent et les Byzantins lui obéissent sans murmurer. Si tu la tues, Byzantins et Berbères désespéreront de trouver refuge.*

para Hassan indicando o momento propício para o ataque. Hassan entra em Aurès e massacra 100 mil homens e a rainha é morta.

A morte de Kahina marca a conquista do Magreb em 700. Segundo alguns autores foi decapitada e sua cabeça é jogada em um poço num lugar depois denominado em árabe Bir El-Kahina, situado perto da cidade atual de Khenchela, próximo de Timged, a leste de Batna. Há versões em que sua cabeça é entregue ao Califa Abd el Melek.

Após perder sua rainha, que reuniu os berberes e bizantinos em uma força contra um só inimigo, a Ifrikiya teve que se submeter a Hassan. Apesar da derrota e morte de Kahina “sua lenda continua viva nos lugares que ela desejou, sem ilusões, eliminar a dominação árabe.”³⁷

Após a conquista dos árabes, afirma-se que:

O que aconteceu com os berberes após a conquista árabe, a maioria converteu-se ao islamismo, malgrado o ressentimento que lhes inspirava a dominação política árabe, tornaram-se partidários da nova fé e contribuíram para propagá-la do outro lado do estreito de Gibraltar e além do Saara. Os guerreiros berberes compunham a grande parte dos exércitos muçulmanos que conquistaram a Espanha sob os omíadas, como as tropas aglábidas que arrancaram a Sicília dos bizantinos e as forças fatímidas as quais conduziram vitoriosas campanhas no Egito e na Síria.

As caravanas de comerciantes berberes que atravessavam o grande deserto em direção às regiões mais férteis do Sahel e do Sudão, não transportavam somente mercadorias: elas propagavam novas concepções religiosas e culturais que encontraram eco no seio das classes dos mercadores antes de seduzir as cortes dos soberanos africanos.

Na realidade o que os berberes rejeitavam era a dominação política de uma burocracia estrangeira representante de um soberano ausente. As pesadas taxas e o fato de receberem terras menos férteis causava um sentimento de injustiça. Uma resistência dirigida contra a classe dirigente árabe.

O processo de islamização do conjunto do Magreb foi longo e concluído em substância no século X.³⁸

³⁷ CAMPS, Gabriel, op. cit, p. 135. No original: *sa légende est demeurée vivante dans le pays qu'elle tenta, sans illusions, de soustraire à la domination árabe.*

³⁸ SILVÉRIO, Valter Roberto: Síntese da Coleção História Geral da África: Pré-História ao século XVI. Brasília: UNESCO/ MEC/UFSCAR, 2013, p. 295,296, 297.

3 ANÁLISE DA NARRATIVA DE AUTORAS MAGREBINAS CONTEMPORÂNEAS SOBRE A RAINHA KAHINA REPRESENTADA COMO SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA DAS MULHERES

As autoras magrebina selecionadas como fonte de pesquisa sobre a rainha Kahina são intelectuais que militam pela liberação das mulheres. Kahina representa um símbolo de resistência feminina, transmitindo uma mensagem de liberdade pelo impacto que ela causa na história das mulheres.

A historiadora marroquina Samira Douider ressalta a importância de Kahina entre as autoras e autores magrebina:

Em literatura Kahina está presente com autores marroquinos, argelinos e tunisianos. Esta heroína aparece como a magrebina por excelência, porque na época em que viveu no Magreb não estavam delimitadas as fronteiras e sua história passa da Tunísia ao Marrocos e para a Argélia: cada um dos povos dos três países a reivindicam como sendo sua.³⁹

A abordagem do conceito de representação do historiador Roger Chartier para compreender-se “o pensamento da lógica discursiva dominante é fundamental para que os feminismos possam transformá-lo e abrir novas possibilidades de ser”.⁴⁰ Segundo Chartier a representação enquanto instrumento teórico-metodológico de análise da história cultural:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam (...) Por isso essa investigação sobre as representações supõem-nos como estando sempre colocadas num campo de concorrências e competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação.⁴¹

Desta forma, a História Cultural, trabalhada por Roger Chartier, é uma modalidade que procura entender a produção de sentido das palavras, das imagens e dos símbolos, e busca também a reconstrução das práticas culturais em termos de recepção, de invenção e de lutas de representações.

³⁹ DOUIDER, Samira: Deux Mythes féminins du Magreb: La Kahina et Aïcha Kandicha. **Recherche & Travaux, Grenoble, n. 81**, 2012, p.78. Disponível em: <http://recherchetraux.reiviesorg/547>. Acesso em: 10 nov. 2017. No original: *Em littérature, la Kahina est présente autant chez des auteurs marocains, algériens que tunisiens. Cette héroïne apparaît, en effet, comme la Maghrébine par excellence, puisque à l'époque où elle vécut, les frontières des différents pays du Maghreb n'étaient pas délimitées et que son histoire l'amène de la Tunisie au Maroc en passant par l'Algérie: chacun des peuples des trois pays la revendiquant comme étant sienne.*

⁴⁰ RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se Feminismos**, escrita de si e invenções de subjetividade. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013, pág. 31.

⁴¹ CHARTIER, op. cit, pag. 17.

As narrativas dessas autoras demonstram que outras possibilidades se apresentam para as mulheres através da resistência à dominação.

É fundamental ter-se compreensão dos movimentos feministas muçulmanos. Com uma análise detalhada a autora já citada, Valdecila Cruz Lima, pesquisa esses movimentos. Afirma sobre o conceito de feminismo:

O conceito de feminismo se refere a três formulações históricas: movimento social, ideologia e teoria, tendo um caráter revolucionário que percorreu todo o século XX e vem se renovando durante o século XXI. Enquanto movimento social e consciência de gênero precede seu desenvolvimento ideológico e teórico, consolidado no período de 1880 a 1960 na chamada primeira onda.⁴²

A autora utiliza a periodização clássica das chamadas três ondas do feminismo internacional porque insere nesse contexto os feminismos muçulmanos:

A ordem cronológica traçada leva em conta os discursos e narrativas desenvolvidas durante essas três ondas não com o objetivo de igualar os movimentos feministas em países muçulmanos, mas no sentido de amenizar a ideia de movimentos absolutamente isolados e diferentes como, frequentemente o senso comum imputa aos movimentos feministas de países muçulmanos.⁴³

A historiadora faz uma divisão para definir três vertentes dos movimentos de mulheres no mundo muçulmano. São três forças atualmente em disputa: os feminismos seculares, o feminismo islâmico e o movimento islamista de mulheres. O feminismo secular nas sociedades muçulmanas, segundo a autora, tem quase um século de história:

O feminismo nas sociedades muçulmanas tem quase um século de história e é uma das expressões da intersecção da modernidade com o Islã. Surgindo enquanto consciência feminista por volta dos anos 1890 em publicações da Turquia inspiradas nos modos de vida seculares franceses. Contudo como movimento organizado e independente que luta pelo reconhecimento dos direitos da mulher e pelo fim de qualquer forma de dominação sexista e misógina, floresceu um pouco mais tarde nos anos 20, no Egito, com a líder feminista Huda Sha'rawi (1879-1947) fundando em 1923 a União das Feministas.⁴⁴

Os feminismos islâmicos são definidos por Cruz Lima:

O feminismo islâmico é um movimento social que surgiu nos anos 80, em países muçulmanos e diásporas, que associa o paradigma islâmico a uma atuação feminista por meio de práticas islâmicas como o tafsir (comentários do alcorão) e o tihad

⁴² LIMA, op. cit, pag. 22.

⁴³ LIMA, op. cit, pag. 22.

⁴⁴ LIMA, op. cit, pag. 22.

(análise racional das fontes religiosas). Esse movimento estabelece um leque de reinterpretações das fontes religiosas islâmicas no intuito de revelar possíveis direitos emancipatórios para melhorar o status sócio-político das mulheres muçulmanas para uma possível reforma do Islã (desterritorializado e transnacional).⁴⁵

A socióloga marroquina Fátima Mernissi⁴⁶, que inicialmente tinha um viés secular de feminismo na sua abordagem, passa a interpretar em suas obras uma proposta de leituras feministas dos *ahadith* (tradições escritas sobre os atos ou dizeres do profeta) alegando que esses foram interpretações com tendências masculinistas. Para Mernissi, o Islã, enquanto instituição histórica, não é sexista por natureza e o ideal da mulher passiva e obediente é uma construção posterior destinada a proteger os interesses da elite masculina no poder. Se o Corão recomenda a modéstia às mulheres, Mernissi argumentava, por exemplo, que Maomé não teria pretendido que o uso do véu resultasse numa exclusão da vida pública e religiosa. Criticava a atual posição fundamentalista, que considerava contrária aos ensinamentos do profeta e chamava a atenção para o fato de este fenômeno ter de ser visto como um tumultuoso processo de reinvenção identitária que os muçulmanos estariam a atravessar. As dificuldades, explica a socióloga, para uma liberação das mulheres nos países árabes são identificadas como escassez de modelos efetivos para essa liberação.

Há um movimento que não é feminista, mas que produziu uma participação das mulheres que nos espaços públicos e políticos, que é o movimento islamista de mulheres:

(...) a reislamização processo que corresponde a mudanças sociais, culturais, e políticas que vem ocorrendo, desde esses mesmos anos, em países muçulmanos nas diásporas, caracterizado pela observância aos princípios e condutas religiosas do Islã (ativismo religioso fundamentalista).⁴⁷

Esse movimento islamista utiliza métodos de convencimento com posições negativas do Ocidente, pretendendo que as mulheres, apesar de ter uma vida pública, continuarem num status inferior aos homens. A ideologia política tem como núcleo a defesa das tradições do Islã.

No Magreb existem feministas seculares e islâmicas. No entendimento das feministas seculares, que fazem duras críticas ao feminismo islâmico, a mudança interpretativa do Alcorão e de outras fontes islâmicas não reverterá em ação política e as reformas exegéticas se manterão no âmbito discursivo e não terão poder estatal e político. E em contraponto há feministas

⁴⁵ LIMA, Valdecila Cruz. Feminismo Islâmico: Uma proposta em construção. **Seminário Internacional Fazendo Gênero** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2012, pag. 7-8.

⁴⁶ MERNISSI, Fatima. **The veil and the male elite: A Feminist Interpretation of Islam**. New York: Basic Books, 1991.

⁴⁷ LIMA, op. cit, pag 13.

islâmicas que reivindicam um feminismo endógeno com suas particularidades e rejeitam em feminismo que consideram ocidental. Afirmam que o Islã herdou um arcabouço de narrativas de dominação sobre a população que estava presente em outras culturas.

O feminismo portanto “é um conceito conflitante cuja dimensão em certa medida adequa-se aos movimentos sócio-políticos e ideológicos do qual faz parte, como os movimentos liberais, marxistas, neoliberais, pós-coloniais e islâmicos”.⁴⁸

Pretendeu-se definir os movimentos feministas muçulmanos para uma melhor compreensão do ativismo das autoras magrebinas.

Gisèle Halimi e Baya Jurquet Bouhoune serão as primeiras autoras a terem suas obras analisadas. São mulheres da mesma geração, pautaram seu ativismo no feminismo secular e sempre militaram pela libertação das mulheres pensando em questões específicas de seus países.

A tunisiana Gisèle Halimi nasceu em 1927, se forma em Direito e Filosofia em 1949 e como muitas intelectuais magrebinas segue sua carreira fora de seus país. Sua vida profissional como advogada é marcada por processos em defesa das mulheres como é o caso de Djamilla Boupache, jovem que lutava pela independência da Argélia e o de Bobigny em 1972, no qual defende uma mãe que ajuda sua filha a abortar após um estupro. Milita pela descriminalização do aborto e funda um movimento *Choisir la Cause de Femmes*. Continua sua luta como deputada denunciando um espírito de misoginia na política. Apesar da vida longa, continua escrevendo e militando⁴⁹.

O romance *La Kahina*⁵⁰ é escrito em 2006, mas era um projeto sonhado desde a infância quando ouvia seu avô paterno contar sobre essa mulher e sempre sentia uma identificação. Na introdução do livro, Halimi conta que esta mulher a fascinava e a descreve como uma “mulher que cavalgava à frente de seus exércitos, os cabelos cor de mel. Vestia uma túnica vermelha – criança, eu a imaginava assim – de uma beleza rara, dizem os historiadores. Kahina era judia? Ninguém realmente sabia”.⁵¹

Assim como outros autores, Halimi acredita que Kahina é uma heroína judia como Deborah ou Judith enfrentando quem quer tiranizar seu povo, mas admite que não há como confirmar essa origem. A autora descreve-a como “Grande estrategista, ela inventa no século

⁴⁸ LIMA, op. cit, pag 39.

⁴⁹ FRANCE CULTURE. Biographie de Gisèle Halimi. 2017. Disponível em: <<https://www.franceculture.fr/personne/gisele-halimi>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

⁵⁰ HALIMI, Gisèle. *La Kahina*. Paris: Ed. Plon, 2006.

⁵¹ HALIMI, Gisèle, op. cit, p. 17. No original: *Cette femme qui chevauchait à la tête de ses armées, les cheveux couleur di miel. Vêtue d'une tunique rouge – enfant, je l'imaginai ainsi – d'une grande beauté, disent les historiens. La Kahina était-elle juive? Personne ne le sut vraiment.*

VII, a tática da terra arrasada. Alguns séculos mais tarde, os Russos, com essa tática, levaram Napoleão a derrota.”⁵²

Halimi diz que “Kahina é uma líder política, uma guerreira e o que lhe atribuem como um dom de prever acontecimentos é sua capacidade de tomar decisões. Ter um dom é mais fácil de ser aceito do que ela ser uma personagem histórica, alguém que realmente existiu”⁵³.

Dentro deste contexto histórico do romance não há uma preocupação da autora com a exatidão das datas e sobre versões e interpretações diferentes. Ela afirma: “Como meu pai Edouard – o magnífico – teria talvez imaginado. Kahina é sua ancestral? Talvez. Eu a amei revivendo-a. Sim. Apaixonadamente”.⁵⁴

Outro componente importante no romance é mostrar a questão da sexualidade. A rainha é uma mulher livre para escolher seus parceiros. Isto nos reporta ao fato de as mulheres berberes serem descritas como tendo uma vida mais livre. Como é narrado pelo historiador José Rivair Macedo sobre o papel diferencial dessas mulheres.

Convém sublinhar que noutras sociedades africanas tradicionais em que vigoravam relações matrilineares as mulheres desfrutava de boa posição social. Entre os berberes e tuaregs que habitavam o deserto do Saara elas tinham grande liberdade nas relações matrimoniais, e algumas ocupavam posição de mando.⁵⁵

Kahina faz Kaled, sobrinho de Hassan, seu prisioneiro. No romance de Halimi, ela dá ênfase ao relacionamento amoroso com Kaled, que o torna seu amante, mesmo fazendo o rito berbere do aleitamento: “não havia ela, a rainha dos berberes, adotado segundo os ritos sagrados da tribo? (...) Ela era rainha, amante de reis, e ela amava este prisioneiro inimigo”⁵⁶.

Seu lado de mãe protetora também aparece quando sabendo de sua derrota e morte iminente, pede aos seus filhos que se aliem ao inimigo para sobreviverem. “Rendam-se ao general Hassan, convertam-se ao Islã para ter a vida salva”.⁵⁷

⁵² HALIMI, Gisèle, op. cit, p. 17. No original: Grande stratège, elle inventa, au VII siècle, la tactique de la terre brûlée. Quelques siècles plus tard, les Russes mirent ainsi Napoléon em déroute.

⁵³ RADIO ALGER. Entrevista com Gisèle Halimi – La Kahina. 7 jun. 2008. (8min50s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WaoniXQT7ME>>. Acesso em 10/8/2017.

⁵⁴ HALIMI, op. cit, pag 18. No original: *Comme mon père Edouard – le magnifique – l’aurait peut-être imaginée. La Kahina était elle son ancêtre? Peut-être. L’ai-je aimée en faisant revivre? Oui. Passionnément.*

⁵⁵ MACEDO, José Rivair. História da África. pag. 27, 28.

⁵⁶ HALIMI, op. cit, pag. 19. No original: *ne l’avait-elle pas, elle la reine des Berbères, adopté selon les rites sacré de la tribu? Elle était reine, amante des rois, et elle aimait ce prisonnier ennemi.*

⁵⁷ HALIMI, op. cit, pag. 227. No original: *Vous allez vous rendre au general Hassan, vous convertir à l’islam pour avoir la vie sauve.*

Em suas obras *La Cause des Femmes e Le Lait de l'oranger* a autora escreve sua autobiografia e com o romance *Kahina* ela termina esse ciclo. A representação de *Kahina*, como símbolo de resistência, faz parte de todo o seu projeto feminista.

A escritora Baya Jurquet-Bouhoune nasceu na Argélia, em Argel, no ano de 1920. Muito cedo se engajou e combateu em favor da emancipação humana, uma militante exemplar pela defesa e promoção do direito de autodeterminação dos povos. Lutou contra o colonialismo e se tornou responsável pelo movimento feminista nos anos cinquenta como presidente da União das Mulheres Argelinas e era membro do Partido Comunista da Argélia (PCA).

Continua sua luta na França e, Marselha pela independência da Argélia e nos anos setenta torna-se membro do *Mouvement contre le racisme et les amitié entre les peuples* (MRAP) no qual atua por vinte anos. A militante e escritora faleceu em 2007 sendo muito homenageada. Um livro foi escrito sobre sua vida por Jean Luc Einaudi intitulado “*Baya – D’Alger à Marseille, l’histoire d’un couple de militants*” (2011).

Junto com seu marido Jacquet Jurquet, também um militante e escritor, escreve o livro *Femmes Algériennes: de la Kahina au Code de la famille*. Na introdução, fazem uma crítica tanto à Declaração dos Direitos Humanos, adotada por unanimidade por 57 Estados pertencentes a Organização das Nações Unidas em 1948, quanto à Organização da Conferência Islâmica, realizada em Meca em 2005, pelo fato que esses documentos históricos não se constituíram, em realidade, para beneficiar as condições de existência das mulheres. Mesmo nos países em que as mulheres foram consideradas livres, a mentalidade masculina continua a ser mantida em diferentes domínios, em posições inferiores.

Bouhoune e Jurquet a consideram um patrimônio e a definem como “uma mulher que comandava os homens”. É a guerreira que precede historicamente a todas as outras que lutaram contra o colonialismo francês. É o primeiro e memorável exemplo de mulher que comandou os homens em igualdade e mesmo em alguns aspectos superior a eles. A obra se constitui numa contribuição para o conhecimento de fatos sobre a luta por igualdade entre homens e mulheres na Argélia moderna. Segundo Bouhoune e Jurquet, se referindo à luta das mulheres na Argélia “da época heroica de *Kahina* no século VII até a agressão colonial de 1830, as circunstâncias históricas são numerosas que provam o valor da participação das mulheres nas guerras de resistência, a sua coragem, inteligência e seu senso de honra”⁵⁸.

⁵⁸ BOUHOUNE, Baya Jurquet; JURQUET, Jacques. **Femmes Algériennes**. De la Kahina au code de la Famille. Paris: Ed Les temps des Cerises, 2007, pag 17. No original: *De l'époque héroïque, de la Kahina, au VII siècle, jusqu'à l'agression coloniale de 1830 les circonstances historiques sont' nombreuses qui ont mis en valeur leur participation à des guerres de résistance, leur courage, leur intelligence et leur sens de l'honneur*.

Narrando vários fatos da História e citando autores como fonte de pesquisa, Kahina é representada nessa obra como símbolo de resistência para as mulheres a fim de ajudar a todas as mulheres e homens na Argélia moderna com o objetivo de mostrar o caminho a elas. Prestam uma homenagem a Kahina mas também a muitas outras que lutaram pela liberdade.

As fontes apresentam aspectos importantes da história da Kahina. Comentam sobre as controvérsias de historiadores e romancistas sobre a religião da rainha.

Citam o historiador Gabriel Camps sobre essa questão: “durante alguns anos, a resistência foi conduzida por uma mulher, uma Djerawa, de uma das tribos Botr, chefe de Aurès. Esta mulher, que tinha o nome de Dihya, que agora nós sabemos ser cristã e mais conhecida pelo nome, a qual lhes deram os árabes: Kahéna”.⁵⁹

E também o erudito (já citado), o magrebino Ibn Khaldoun do século XIV, é referido como fonte para explicar sobre a religião da rainha: “Em Aurès a conquista muçulmana se confrontou com uma rainha berbere, vidente, que adotou o judaísmo, Kahina”⁶⁰.

O pesquisador francês, especialista em literatura francófona do Magreb, Jean Déjeux tem sua obra analisada por Bouhoune e Jurquet. Déjeux escreveu o livro *Femmes d’Algerie – Legendes, Traditions, Histoire, Littérature*, em que resume muitos romances e peças de teatro sobre Kahina e concluiu: “a exaltação da heroína é explorada segundo a ideologia e a política do escritor”.⁶¹

Um fato relevante abordado na obra é sobre as mulheres berberes terem uma condição de existência mais livres que as mulheres árabes na época da expansão do Islã, pertencentes a grupos sedentárias ou nômades, praticantes ou não de religiões diferentes. A realidade histórica testemunha que as mulheres do passado se conduziram em igualdade com os homens, e frequentemente se colocaram a frente para os comandar vitoriosamente. A autora Bouhoune e o autor Jurquet fazem uma comparação entre as mulheres árabes e berberes:

Na época da expansão do Islã, as mulheres árabes, se dividiam, no seio da poligamia, entre mulheres ditas honestas e escravas. As mulheres berberes, diferentemente, tinham condições de existência mais livres. Elas pertenciam a tribos, sedentárias ou

⁵⁹ BOUHOUNE, Jurquet, op. cit, p. 23. No original: *Pendant quelques années, la résistance fut conduite par une femme, une Djerawa, une des tribes Botr maîtresses de l’Aurès. Cette femme, qui se nommait Dihya et que nous savons maintenant avoir été chrétienne et plus connue sous le sobriquet que lui donnèrent les Arabes: la Kahéna.*

⁶⁰ BOUHOUNE, Jurquet, op. cit, p. 24. No original: *Dans l’Aurès, la conquête musulmane se heurta à une reine berbère “voyante”, judiasse, la Kahina.*

⁶¹ BOUHOUNE, Jurquet, op. cit, p. 24. No original: *L’exaltation de l’heroïne est exploitée selon l’ideologie et la politique de l’écrivain.*

nômades, praticantes ou não de religiões diferentes, o judaísmo, o cristianismo e o animismo.⁶²

O casal tem uma abordagem marxista em sua análise e a questão fundamental na luta não deve ser antirreligiosa, mas sim a instrumentalização da *charia*⁶³. Pretendem demonstrar que a questão é política e de luta de classes. A precarização da mulher advém da sociedade patriarcal e da desigualdade de classes.

Além da homenagem que prestam a Kahina e a outras mulheres que se destacaram, o livro - *Femmes Algériennes De la Kahina au code de La Famille* - denuncia o Código da Família que coloca a mulher em um status inferior ao homem.

Finalizam a obra com uma certeza: “No começo do século XXI o justo objetivo estratégico passa por uma primeira etapa: a abolição do Código da Família”.⁶⁴

Osire Glacier é uma historiadora marroquina de Agadir especialista em Magreb. Nasceu na década de 60, portanto de outra geração que as autoras anteriores. Estudou na Université Mc Gill e hoje é professora em Montreal, feminista e militante dos direitos humanos. Apoia atualmente o movimento de contestação *Al Hirak* na região do Rif no norte do Marrocos, movimento que reclama mais atenção a essa região que é uma das mais pobres do país. Tem um site *Études Marocaines*⁶⁵ que publica artigos de feministas, divulga livros e promove eventos acadêmicos sobre a questão de gênero. É colaboradora também do site *Gregam*⁶⁶ também sobre estudos de gênero.

Uma feminista profundamente preocupada com as questões das mulheres marroquinas e com a conjuntura política e econômica do seu país. Seu ensaio não é especificamente sobre Kahina, mas mostra a importância da rainha e de mais trinta mulheres. A pesquisa aspira contribuir com a mudança de mentalidade concernente à liderança feminina no Marrocos. Na introdução do seu livro “*Femmes Politiques au Maroc d’hier à aujourd’hui. La résistance et le pouvoir au féminin*”⁶⁷ ela fala da importância de se questionar o monopólio do poder pelos

⁶² BOUHOUNE, Jurquet, op. cit, p. 28. No original: *À l’époque de l’expansion de l’Islam, les femmes des Arabes se répartissaient, au sein de la polygamie, entre femmes dites honnêtes et esclaves. Les femmes berbères de leur côté avaient des conditions d’existence plus libres. Elles appartenaient à des tribus, sédentaires ou nômades, pratiquantes ou non de religions différentes, le judaïsme, le christianisme, l’animisme.*

⁶³ Lei islâmica fundamentada nos ensinamentos do Alcorão, a Sunna, tradição de Maomé, e a Fiqh ou jurisprudência.

⁶⁴ BOUHOUNE, Jurquet, op. cit, p. 274. No original: *Em ce début du XXI siècle, ce juste objectif stratégique passe par une première étape: l’abrogation du Code de la famille.*

⁶⁵ ÉTUDES MAROCAINE. 2017. Disponível em: <etudesmarocaines.com>. Acesso em: 10 nov. 2017.

⁶⁶ GREGAM. **Groupe de Recherches et D’Études sur le genre au Maroc**. Disponível em: <http://gregam.hypotheses.org/>. Acesso em: 4 abr. 2017.

⁶⁷ GLACIER, Osire. **Femmes Politiques au Maroc d’hier à aujourd’hui**. La résistance et le pouvoir au féminin. Casablanca: Tarik editions, 2016.

homens no Marrocos. Sempre que são colocadas essas questões, há resistência de movimentos islamistas radicais que, acreditam, representaria uma ameaça à cultura e às tradições marroquinas. Salvar a identidade religiosa cultural é invocado para se opor quando os movimentos feministas se mobilizam para desestabilizar as estruturas sociais patriarcais. Esta oposição a emancipação das mulheres tem resistência porque é vista por islamistas radicais como apanágio das sociedades ocidentais. A autora acredita que a hegemonia da produção universitária combinada ao desconhecimento da história das mulheres marroquinas explica essa crença errônea. As marroquinas estiveram presentes na esfera política no passado até os nossos dias. No entanto, as mulheres foram omitidas e não puderam ser objeto legítimo da História. Segundo a autora, “a História oficial as condenou a um “assassinato histórico” – utilizando a terminologia da socióloga Fatima Mernissi. Sem a presença que atrapalha, a ordem patriarcal podia reafirmar suas convicções: a política seria masculina, porque o poder seria um negócio de homens”.⁶⁸

A autora como muitas feministas magrebinas é contra o Código da Família (*moudawana*⁶⁹). Reformas foram feitas, primeiro na Tunísia, depois no Marrocos e por último na Argélia, entretanto, as feministas defendem a abolição desses códigos. Quando são feitas ações contra esses códigos, que colocam as mulheres em posição de inferioridade, são classificadas como atentados graves aos fundamentos culturais e religiosos da sociedade. As organizações de mulheres são marginalizadas e muitas feministas são tratadas como ateias e ameaçadas de morte.

A questão primordial para a historiadora é dar visibilidade a essas mulheres como Kahina, que exerceram liderança política, para demonstrar que a resistência das mulheres à ordem patriarcal é endógena à sociedade marroquina e que Kahina, bem como outras líderes destacadas, são símbolos de resistência.

⁶⁸ GLACIER, op. cit, pag 147. No original: *L'histoire officielle les a condamnées à un assassinat historique – pour reprendre la terminologie de la sociologue Fatima Mernissi. Dès lors, sans ces présences gênantes, l'ordre social patriarcal pouvait réaffirmer ses convictions: la politique serait masculine parce que le pouvoir serait une affaire d'hommes.*

⁶⁹ Os códigos de família islâmicos legislam e julgam os acontecimentos gerados no contexto da vida familiar (matrimônio, herança, descendência). No Marrocos, onde o código é conhecido como *moudawana*, os estatutos femininos marroquinos provem do Corão e da doutrina e do direito *malikí* (escola jurídica sunita que dá ênfase aos costumes). Esses foram aprovados em novembro de 1957 e março de 1958. Na Argélia, a legislação do código familiar é semelhante ao *fiqh* (direito muçulmano elaborado por juristas teólogos, os *fuqaha*). É influenciado pela doutrina do direito *malikí* e *hanafí*. Na Tunísia, o código familiar se chama *madjala*, e foi promulgado em 1956. Seu código é o mais crítico em relação ao *fiqh* e baseado nos princípios modernos da *nahda* (que quer dizer renascimento). Nesses países, as constituições foram criadas na mesma época desses códigos, entretanto, são contraditórios. CABRÉ, Iolanda Aixelà. Direitos e Deveres das Mulheres do Magreb: uma aproximação comparativa no campo legislativo. In.: ROSADO-NUNES, Maria José. Direitos Humanos das mulheres nas religiões no século XXI. Edições Loyola, 1999.

A autora acredita que, a diversidade de vozes feministas seculares ou islâmicas no Marrocos só enriquece a luta por igualdades. Exemplos como a Khadiya Ryadi que foi presidente da Associação Marroquina de Direitos Humanos de 2007 a 2013, de Asma Lamrabet, médica e bióloga, que se declara feminista islâmica. É preciso que se conheça esta realidade afirma Glacier, pois “as marroquinas têm a capacidade de pensar por elas mesmas e de se mobilizar através de um movimento organizado com o propósito, entre outros, de revolucionar a concepção masculina de democracia que não é inclusiva”.⁷⁰

Nahla Zéraoui é uma argelina professora de literatura formada em Oran. Em 2007, fez o seu doutorado na França, na *Université de Franche-Comté na Ecole Doctoral Langues, Espaces, Temps, Sociétés*, apresentando a tese “*Les différents statuts de la Kahéna dans la littérature d’expression française*”. De forma detalhada, analisa autores muçulmanos e ocidentais que escrevem sobre Kahina. Assim como muitos romancistas, historiadores, poetas e dramaturgos se interessaram por essa personagem, a autora diz que o fato dela ter sobrevivido através dos séculos na memória coletiva do Magreb a instigou na pesquisa. Muitas mulheres se destacaram na história, mas particularmente o nome que ficou gravado na sua memória é o de Kahina. A escolha do tema foi baseada na fascinação que essa rainha berbere exerce sobre a história e em sua vida:

A história dessa rainha representa o combate perpétuo da mulher. Em todas as épocas a mulher é confrontada com um número incalculável de desafios os quais ela deve enfrentar, mas sua luta na antiguidade me seduziu enormemente. Ela devia não somente se impor ao seio da família, mas também com todo seu povo e ainda devia impor sua força a um inimigo irredutível. E ainda o que me causa admiração é a guerreira que ela foi. Ela muda a imagem da que nasce princesa ou por casamento ter o título de realeza. O que me fascina, entre outros aspectos, é o fato dela ser a última rainha berbere a unir um povo que nasceu para jamais se entender. Ela encarna a resistência, ao novo conquistador da África, o árabe, que acreditava que entrar na terra prometida seria uma conquista sem muitos conflitos como havia acontecido com seus predecessores.⁷¹

⁷⁰ GLACIER, Osire, op. cit. p. 149. No original: *Les Marocaines ont la capacité de penser par elles-mêmes e de se mobiliser à travers un mouvement organisé, entre autres dans le dessein de révolutionner la conception masculine d’une démocratie qui n’est pas inclusive.*

⁷¹ ZÉRAOUI, Nahla. **Les différents statuts de la Kahina dans la littérature d’expression française**. Thèse (Doctorat en Langues, et Littérature Française et Comparée) - Comté. École Doctorale “Langages, Espaces, Temps, Sociétés, Université de Franche, 13 déc. 2007. No original: *L’histoire de cette reine rappelle le combat perpétuel de la femme. A toute époque, la femme est confrontée a une incalculable de défis auxquels elle doit faire face, mais ces temps lointains, sa lutte ne pouvait me séduire davantage. Elle devait non seulement s’imposer au sein de sa famille, mais aussi au sein de tout un peuple et, mieux encore, elle devait imposer sa puissance ainsi que sa personne à un ennemi redoutable. Ce qui m’éblouit encore, c’est la guerrière qu’elle fut. Elle changea l’image de la princesse n’ayant pour rôle que celui d’être l’épouse et “la passeuse” du titre de royauté. Ce qui me fascina, entre autres, est le fait qu’elle fut la dernière reine berbère à pouvoir unir un peuple né pour ne jamais s’entendre. Cette femme a incarné la résistance au nouveau conquérant d’Afrique, celui qui parvint à entrer dans la terre promise sans se faire chasser comme ses prédécesseurs, l’Arabe.*

A primeira parte da tese faz uma análise histórica sobre todos os povos que invadiram a Ifrikya e, finalmente, a invasão árabe. Na segunda parte, analisa os diferentes status de Kahina em romances e sob diferentes ângulos é vista como: um mito, uma divindade, um símbolo (de resistência, de poder, alma de um povo, de morte, de feminismo, de sonho) e uma mulher. Na última parte faz um estudo comparativo com duas outras personagens históricas Jeanne D'Arc e Cleópatra. A dimensão da relevância social e política de Kahina na literatura é pesquisada usando como fonte autores como Didier Nebot, Magali Boissard, Germaine Beuagutte, Pierre Cardinal, Roger Ikor, Derri Berkani, Gisèle Halimi, Gabriel Camps entre outros.

Quando analisa Kahina como símbolo de resistência afirma que para todos os autores não há discordância sob esse aspecto. O erudito Ibn Khaldoun já a considerava o símbolo da resistência berbere contra o invasor árabe. No feminismo, o seu nome é o que melhor representa como símbolo de resistência das mulheres a dominação. Kahina vive na consciência daqueles que querem ser livres. Seu espírito continua vivo e ela nunca deixa de guiar seu povo berbere em todos os combates através dos séculos.

Assim como as outras anteriormente apresentadas, Nahla presta homenagem a Kahina e a todas as mulheres que marcaram a História da África e as quais ficaram menos conhecidas que os personagens masculinos. Por seu amor à pátria e sua sede de liberdade Kahina se armou de uma força e uma coragem que ficaram gravados na História e na Literatura. Kahina representa um símbolo de resistência para as mulheres do Magreb e a pesquisa tenta contribuir para que essa história continue sempre viva.

Todas as autoras apresentadas pautam sua militância dando visibilidade a história de Kahina porque é a que melhor representa para as feministas como símbolo de resistência às desigualdades e injustiças as quais as mulheres têm sido submetidas.

4 REPRESENTAÇÕES DE KAHINA ATRAVÉS DE EXPRESSÕES ARTÍSTICAS

Nesta última parte do trabalho serão apresentadas diferentes formas de expressão artística pelas quais a memória de Kahina é invocada no Magreb contemporâneo. A ideia é demonstrar que a presença de Kahina na obra das escritoras, até aqui mencionadas, não constitui um fenômeno isolado. A popularidade da personagem histórica explica que ela seja evocada nos mais variados tipos de obras e criações culturais.

Na dramaturgia, Kahina foi representada pelo grande poeta e dramaturgo da Argélia Contemporânea, Kateb Yacine (1929-1989). Ele escreveu a peça de teatro “Kahina ou Dihya”. A autora Baya Bouhoune e o autor Jacques Jurquet interpretam a peça:

Ele não escreve como um historiador, mas acima de tudo como um defensor apaixonado de seus ancestrais berberes, dos direitos das mulheres à igualdade e condena as religiões. Não significa que não faça referências a História, mas trata dos assuntos escolhidos por ele a partir de convicções estabelecidas por sua própria existência.⁷²

Num trecho da peça, Kahina justifica sua decisão pela tática de terra arrasada:

O pão amargo do escravo
Eles querem, os invasores
Vos fazer comer de joelhos
E amanhã, se aceitarem
Eles vos humilharão.⁷³

A seguir, um camponês diz:

Os judeus e os cristãos
Não acreditam também
Em um só Deus?⁷⁴

E Kahina responde:

O único Deus que nós conhecemos
Eu o abraço diante de vós
É a terra que nos faz viver

⁷² BOUHOUNE, Jurquet, op. cit, p. 25. No original: *Il n'écrit d'ailleurs pas en tant qu'historien, mais avant tout en partisan passionné de ses ancêtres berbères, des droits des femmes à l'égalité, et il condamne les religions. Ce qui ne signifie nullement qu'il ne se réfère pas à l'histoire, mais traite des sujets choisis par lui à partir de convictions fondées par sa propre existence.*

⁷³ BOUHOUNE, Jurquet, op. cit, p. 26. No original: *Le pain amer de l'esclave/ Ils voudraient les envahisseurs/ Vous le faire manger à genoux/ E demain, si vous acceptez/ Ils vous le feront manger à plat ventre!*

⁷⁴ BOUHOUNE, Jurquet, op. cit, p. 26, 27. No original: *Les juifs e les chrétiens/ Ne croient-ils pas aussi/ En un seul dieu unique?*

A terra livre Amazigh!⁷⁵

Antes de ser morta em combate, Kahina diz:

Eles me chamam Kahina. Eles nos chamam berberes
 Como os romanos chamavam bárbaros nossos ancestrais.
 Bárbaros, Berberes é o mesmo nome sempre o mesmo
 Como todos os invasores, eles chamam bárbaros
 Os povos que eles oprimem, pretendendo civilizar.
 Eles nos chamam bárbaros, enquanto eles pilham nossas terras
 Os bárbaros são os agressores
 Não há Kahina aqui, nem berbere
 Somos nós nas nossas terras que combatemos a berberia
 Adeus mercadores de escravos
 E vos deixo a história no
 Coração dos meus filhos
 Eu vos deixo Amazigh
 No coração da Argélia.⁷⁶

Os versos seguintes correspondem ao coro das meninas e dos camponeses que transportavam o corpo da rainha decapitada:

África, corpo sem cabeça, África,
 A longa noite trágica
 De onde saíra uma África...
 África corpo sem cabeça.⁷⁷

O autor Kateb Yacine introduz na peça suas ideias sobre o feminismo. Foi um militante pelos direitos das mulheres e defendeu as tradições Amazigh. Exalta, também, um nacionalismo que corresponde implicitamente a sua rejeição ao colonialismo. Muitas questões relevantes são colocadas na peça: a posição da mulher, a religião, o orgulho da origem Amazigh e o anticolonialismo.

Na música, a composição do argelino Mohand Imazatene de 2002 tornou-se muito conhecida por representar Kahina como ancestral, exemplo para as mulheres, e evocar também

⁷⁵ BOUHOUNE, Jurquet, op. cit, p. 26, 27. No original: *Le seul dieu que nous connaissons/ je l'embrace devant vous/ c'est la terre qui nous fait vivre/ la terre libre d'Amazigh!*

⁷⁶ KATEB YACINE. **Kahina, a rainha berbere de Aurès**. 27 abr. 2014. Disponível em: <yacinekateb.blogspot.com.br/20/04/04kahina-rainha-berbere-de-aures.html>. Acesso em 5 dez. 2017. No original: *Ils m'appellent Kahina, ils nous appellent berbères/ comme les romains appelaient barbares nos ancêtres/ Barbares, Berbères, c'est le même mot/ toujours le même/comme tous les envahisseurs, ils appellent barbares/ Les peuples qu'ils oppriment, tout en prétendant les civiliser/ Ils nous appellent barbares, pendant qu'ils pillent notre pays/ Les barbares sont les agresseurs/ Il n'ya pas de Kahina, pas de Berbère ici/ C'est nous dans ce pays qui combattons/la barbarie/ Adieu, marchant d'esclaves!/ je vous laisse l'histoire/ Au coeur de mes enfants/je vous laisse Amazigh/ Au coeur de l'Algerie!*

⁷⁷ KATEB YACINE. No original: *Afrique corps sans tête/ La longue nuit tragique/ D'où sortira une Afrique/ Afrique corps sans tête.*

a união de todos *Imazighen*. O original é em qabile⁷⁸. Um grupo musical argelino, só de mulheres, radicado na França, com o nome Djurdjura e fundado pela cantora Djouhra Djura About gravou esta canção. Existem versões francesa e em qabile em vídeo clipes. A letra tem duas versões em francês. Uma encontra-se na tese da autora Nahla Zéraoui⁷⁹ e a outra no blog *Penthesilée ou Sappho*⁸⁰.

A letra da música abaixo escrita é a que se encontra na tese da autora Nahla Zéraoui:

Kahina, Rainha dos Berberes
 Kahina, Kahina
 Tu és o sol que brilha
 Que brilha
 Tu a luz dos Berberes...
 Nós bebemos na fonte de tuas mãos
 Teu nome está gravado nas nossas memórias
 Tuas raízes são revigoradas
 O costume renasce
 Vai ser célebre
 Tu és a primavera
 Que nós esperamos
 Tu és a democracia
 Tu és a estrela
 Tu, o pilar
 Que construiu a unidade
 Tu és a virtude
 Nós precisamos da revolução
 Tu não tens limites
 Tu enfrentaste os mais duros obstáculos
 Tu és a fundação
 Que sustenta a república
 Kahina, Kahina.⁸¹

Nesta canção são feitas comparações de Kahina com a natureza de forma simbólica. É comparada ao sol, que evoca divindade, mas também a energia da luz e do calor. Quando é feita a referência a raízes é a simbologia da árvore, que tem muitos significados e pode representar a identidade de um povo. A primavera nos remete a juventude, o futuro. A estrela é a vitória da luz que guia, o salvador, um espírito divino. Ela que dá força para o seu povo lutar. Há uma

⁷⁸ *Qabile* ou *Kabyle* é uma língua berbere com 7 ou 8 milhões de falantes, a maioria dos quais vive na Argélia, principalmente no norte do país.

⁷⁹ ZÉRAOUI, Nahla, op.cit, p. 94.

⁸⁰ DJURDJURA. Kahina. In: *Penthesilée ou Sappho? Musique Penthesilée*. 2010. (Musica). Disponível em: <<https://www.musicme.com/Djurdjura/.../Kahina-6E7A6B5F337659...>>; <<https://www.musicme.com/Djurdjura/.../Kahina-Version-Kabyle-51>>. Acesso em: 20 nov. 2010.

⁸¹ ZÉRAOUI, Nahla, op.cit, p. 94. No original: *Kahine* “*Reine des Bèrberes/ Kahina, Kahina/ C’est toi le soleil que brille/qui brille/Kahina, Kahina/toi la lumière des berbères/Berbères.../nous avons bu dans le creux de tes mains/ ton nom est grave dans nos memóires/tes racines sont revigorées/la coutume renaît/Kahina, Kahina.../Va être célèbre/c’est toi le printemps/que nous espérons/tu es la démocratie/tu es l’étoile/toi le pilier/qui a tissé l’unité/c’est toi la vertu/dont a besoin la révolution/tu n’as pas de limites/tu as bravé les plus durs obstacles/tu es la fondation/qui soutient la republique/Kahina, Kahina. ...*

metáfora quando é vista como a fonte para a sede de liberdade Amazigh. Imzatene nos dá uma prova irrefutável de que a história de Kahina serve de modelo por sua coragem para a luta das mulheres, mas também por um desejo de mudanças sócio-políticas.

A autora Nahla Zéraoui fala das comparações que o compositor Imzatene faz de Kahina com elementos da natureza de forma simbólica: “Kahina é comparada ao sol. O astro é a fonte de luz e calor. Nessa primeira comparação, o poeta evoca sua divindade. Ela é a fonte da vida por excelência. Ele explica depois em que consiste esta fonte de vida para o povo berbere”.⁸²

A autora Nahla Zéraoui interpreta os versos nos quais são feitas comparações políticas: “Kahina é a imagem da liberação, da revolta e da nação. Ela representa o pilar de uma nação. Ela que dará força aos berberes para lutar a fim de obter sua liberdade e por se unir na fundação de uma república”.⁸³

A outra letra em francês encontra-se na gravação do grupo musical DjurDjura. Há similaridade nos versos e são feitas comparações com elementos da natureza. A diferença é que nas comparações políticas não são referidas explicitamente as palavras democracia, revolução, república. Mas o poema, nas duas versões, representa Kahina como símbolo de resistência para as mulheres e também é um verdadeiro apelo à ação política.

Os versos são os seguintes:

Kahina, Kahina, Kahina
 Mulher rebelde
 Mulher berbere
 Mulher luz
 Kahina, Kahina
 Sol que brilha sobre o mediterrâneo
 Memória fiel de nossas origens sagradas
 Como a bandeira dos sonhos de nossos ideais
 Na tua fonte ontem nós bebíamos água
 Kahina, Kahina
 Como o perfume de nossa história
 Meu canto de esperança
 Kahina, Kahina
 Voz que se eleva ao céu
 Chama eterna eu quero cantar
 Para ser ouvida até o infinito
 O amor feliz e sopro de vida
 E ver a alegria nos rostos revelados

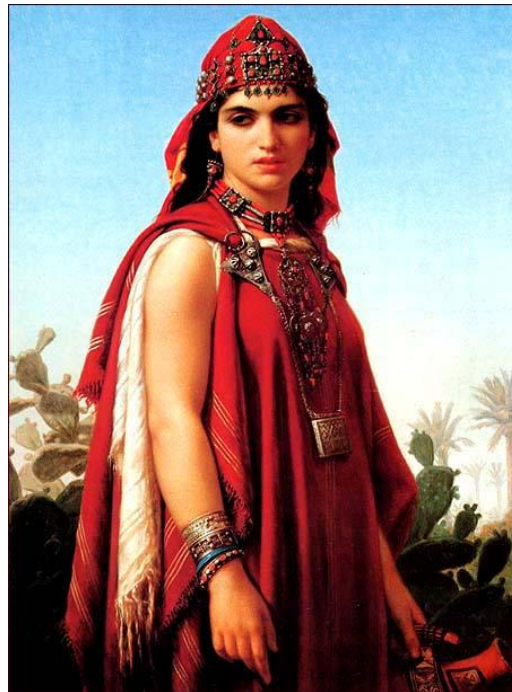
⁸² ZÉRAOUI, Nahla, op.cit, p. 95. No original: *La Kahéna est comparée au soleil. Cet astre est bien la source de lumière e de chaleur. Dans cette première comparaison, le poète évoque d'abord sa divinité. Il explique plus loin em quoi consiste cette source de vie pour le peuple berbère*

⁸³ ZÉRAOUI, Nahla, op.cit, p. 95 96. No original: *La Kahéna est l'image de la libération, de la revolte, et de la nation. C'est elle qui donnera la force aux Berbères pour lutter afin d'obtenir leur liberté e pour s'unir dans la fondation d'une republique.*

Abraça-los livres das correntes quebradas.⁸⁴

Nas artes plásticas, temos o exemplo da obra intitulada “Mulher Berbere”⁸⁵ (ver Figura 2) de 1870, uma das mais utilizadas para representar Kahina. O artista é o francês Charles Emile Vernet-Lecomte, que viveu no século XIX (1821-1900). Foi um pintor acadêmico de temas históricos e de mulheres de diversos países. Tem obras representando mulheres de destaque na história, como Cleópatra e Judith.

Figura 2: Representação de Kahina na pintura



O artista procurou reproduzir no quadro “Mulher Berbere” o que é importante no vestuário das Tamazigh. O bournous de cor vermelha é uma espécie de capa de lã com capuz, e os adornos nos braços, pescoço e cabeça, os quais fazem parte da tradição. Aparece na pintura a rainha empunhando uma espada para demonstrar que é uma guerreira.

⁸⁴ DJURDJURA. Kahina. In: Penthésilée ou Sappho? Musique Penthésilée. 2010. (Musica). Disponível em: <<https://www.musicme.com/Djurdjura/.../Kahina-6E7A6B5F337659...>>;

<<https://www.musicme.com/Djurdjura/.../Kahina-Version-Kabyle-51>>. Acesso em: 20 nov. 2010. No original: *Kahina, Kahina, Kahina/Femme rebelle/Femme berbère/Femme lumière/ Kahina, Kahina/ Soleil que brille sur la méditerranée/Mémoire fidèle nos origines sacrées/ Comme le drapeau des rêves de nos idéaux/C'est à ta source q'hier nous avons bu l'eau/Kahina. Kahina/ Comme le parfum de notre histoire/Mon chant d'espoir/Kahina, Kahina/ Voix qui s'élève dans le ciel/Flamme éternelle je veux chanter faire entendre à l'infini/ l'amour joyeux et souffle de vie/Et voir la joie sur les visages dévoilés/ les embrasser libres des chaînes brisées.*

⁸⁵ ARTES E HUMOR DE MULHER. **Pinturas de Charles Emile Lecomte.** 2012. Disponível em: <<https://arteshumordemulher.wordpress.com/pinturas-de-charles-emile-lecomte-21>>. Acesso em 2 dez. 2017.

Kahina também é representada com tatuagens no rosto, como na Figura 3, que as mulheres tamazigh faziam. Todos os símbolos têm significados. *Âyacha* (aquele que faz viver) é a tatuagem mais comum e tem como característica a marcação no meio da testa, separando os dois lados do rosto. Os objetivos das tatuagens podem ser: indicar a tribo, a qual a mulher pertence; proteção de mau olhado e das doenças; proteger determinada zona do corpo; aumentar sua fertilidade; e realçar sua beleza. Eram feitas também nas mãos, pés e a parte anterior das pernas. Os símbolos podem ser de culto e devoção aos ancestrais e também expressar a dor por perdas. Pode-se citar alguns mais usados: o ponto, representa a casa; o crescente da lua, o processo de nascimento, vida e morte; a espiral, a harmonia eterna; o círculo, representa o absoluto; a palmeira, a deusa-mãe; dois traços, a dualidade entre o bem e o mal; uma rosácea formada por triângulos com o vértice para cima, significa o fogo e a virilidade, enquanto, se o vértice for virado para baixo, significa a água e a feminilidade. As tatuagens são também um elemento de ligação entre o corpo humano e o mundo dos espíritos, sendo utilizadas também por homens como nas crianças.

Figura 3: Imagem representando Kahina⁸⁶



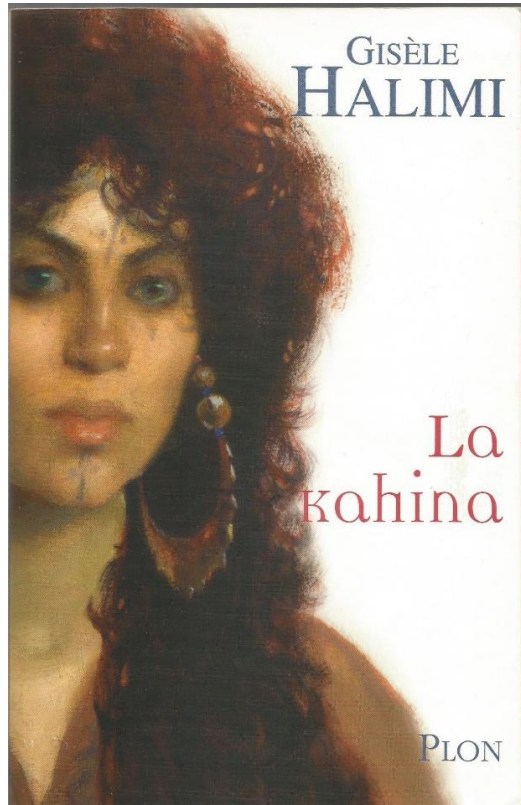
A tradição tem desaparecido, sendo possível encontra-la apenas em avós e avôs e alguns poucos jovens. Os religiosos conservadores islâmicos condenam o uso, exceto as de

⁸⁶ PAULA, Frederico Mendes. Os berberes. **História de Portugal em Marrocos**, set. 2016. Disponível em: <https://historiasdeportugalemarrocos.com/2016/09/03/os-berberes/> Acesso em 5 dez. 2017. O autor da obra é desconhecido.

hena para cerimônias. Segundo alguns pesquisadores também tinham o objetivo de preservar a língua escrita dos Imazighen.

Na capa do romance de Gisèle Halimi⁸⁷, Kahina é representada com cabelos cor de mel, tal qual a autora imaginava na sua infância, quando seu avô paterno lhe contava a história da rainha. Nesta representação, Kahina tem tatuagens e grandes brincos.

Figura 4: Capa do livro de Gisèle Halimi com imagem representando Kahina



A estátua de Kahina, inaugurada em 2002, tem sido objeto de controvérsias. O movimento Cultural Chaoui reivindica a mudança da placa do monumento. Sendo Kahina símbolo da resistência Amazigh deveria estar escrita em tamazight e não em árabe. Em contrapartida, islamistas radicais não aceitam, desde 2009, monumento homenageando quem lutou contra os árabes, por esta razão declaram ser uma heresia (*Kofr*).

⁸⁷ HALIMI, Gisèle. **La Kahina**. Paris: ed. Plon, 2006, capa.

Figura 5: Monumento representando Kahina⁸⁸, na Argélia, em Baghaï, na província de Khenchela (Montanhas de Aurès).



Em agosto de 2016, o monumento foi incendiado de forma criminosa. O ato causou indignação, se constituindo num grave atentado à memória da região e a todos Imazighen.

Figura 6: Monumento representando Kahina é incendiado.⁸⁹



⁸⁸ BERBERES. **Atmane Saâdi déclare kofr la statue de la Kahina à Khenchela**. Nouvelle. 24 out. 2009. Disponível em: <www.berberes.com/nouvelles/1687-atmane-saade-declare-kofr-la-statue-de-la-kahina-a-khenchela>. Acesso em: 3 nov. 2017.

⁸⁹ LE MATIN D'ALGÉRIE. **La statue de la reine amazigh Dihya incendiée à Baghaï (Khenchela)**. **Actualité**. 12 ago. 2016. Disponível em: <www.lematindz.net/news/21515-la-statue-de-la-reine-amazigh-dihya-incendiee-abaghai-khenchela.html>. Acesso em: 10 nov. 2017.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto narrativa, a História constituiu-se como tradição e cânone do qual as mulheres não participaram de modo visível pelos caminhos tradicionais do fazer histórico. Muitos nomes foram silenciados, mas cujas ações se tornaram inesquecíveis.

A historiadora francesa Michelle Perrot escreve sobre o silêncio da História em relação às mulheres:

As mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal.

Neste silêncio profundo, é claro que as mulheres não estão sozinhas. Ele envolve o continente perdido das vidas submersas no esquecimento no qual se anula a massa da humanidade. Mas é sobre elas que o silêncio pesa mais. E isso por várias razões.⁹⁰

Uma revisão historiográfica vem sendo feita em distintos países e movimentos e tem revelado não só a presença feminina nos acontecimentos históricos, mas também um alargamento do próprio discurso historiográfico até então estritamente para pensar o sujeito universal.

Quando se pesquisa a História da África, constata-se que em muitas sociedades antigas africanas existia um sistema matrilinear e as personagens femininas são preponderantes. As influências ulteriores como o Islã, a civilização ocidental, etc., foram impondo, pouco a pouco, o sistema patrilinear. Um “dever ser” que foi a elas inculcado através de representações culturais, econômicas e políticas.

As autoras magrebina contemporâneas apresentadas nesta pesquisa demonstram o crescente interesse em mostrar a dimensão da ação das mulheres no passado e no presente, as lutas e as estratégias pela conquista da liberdade.

Vários nomes foram marcantes na história do Magreb. Exemplos como Tin Hinan, do século IV, que se tornou a rainha dos Tuaregs, nos cantos e versos de homens e mulheres do deserto é exaltada e chamada “mãe de todos”. Outra personalidade feminina exemplar na história é Fatima al Fihri (880). Conhecida como “a mãe das crianças”, fundou a universidade al-Qarouuiyne de Fez. Com isso, contribuiu para a formação da vida religiosa e cultural que consolidou a importância da cidade, transformando-a em um centro cultural, intelectual e espiritual. Esta é a mais antiga universidade do mundo e continua em atividade. Há ainda

⁹⁰ PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. S. Paulo: Ed. Contexto, 2012, p. 16.

mulheres contemporâneas, como Malika al Fassi (1919-2007) que foi uma das pioneiras do movimento feminista moderno no Marrocos e a única mulher a assinar o Manifesto de Independência de 1944. Foi a primeira jornalista, escreveu e dedicou sua vida pela reivindicação do direito das mulheres marroquinas pela educação.

Na Argélia, Djamila Boupacha (1938-) militante da Frente de Libertação Nacional foi presa e acusada de terrorismo. Seu caso tornou-se famoso pois foi defendida por Gisèle Halimi. Pablo Picasso ilustrou a capa do livro que Gisèle Halimi e Simone de Beauvoir escreveram sobre ela, e muitos livros foram escritos por outros autores e um filme foi realizado sobre sua biografia.

Outra argelina é Fadela M' Rabet (1936-) considerada um símbolo do feminismo na Argélia e seus livros sobre as lutas por igualdade são indispensáveis. Uma mulher que se tornou uma heroína por sua militância foi Saïda Menebhi (1952-1977), aderiu a uma organização socialista *Ila-al-aman*, que lutava por uma revolução no Marrocos nos anos 70, escreveu muitos poemas na cela e morreu aos vinte e cinco anos fazendo greve de fome em protesto às condições de presos políticos. E da nova geração de ativistas, a militante Nidal Salam Hamdache (1985-) do Movimento 20 de fevereiro. E muitas outras anônimas que lutam pelos seus direitos tanto na vida privada quanto na vida pública.

Representar Kahina como símbolo de resistência das mulheres tem um olhar crítico, transformador, não só pela luta das mulheres magrebinsas contra a dominação masculina, como também desconstruir uma visão que discrimina as mulheres muçulmanas - sobretudo após o 11 de setembro.

A socióloga Vera Lucia Maia Marques fala sobre essa discriminação:

Muitas delas tiveram que se despir de suas identificações, enquanto muçulmanas, tiveram que tirar seus hijabs (véus islâmicos) literal e metaforicamente, para ingressarem no mercado de trabalho e na sociedade.

(...) Reivindicando usar ou não os seus véus, conforme as suas vontades e não conforme a vontade dos governos ou da sociedade. Enfim, aspirando que o mundo se abra e aceite uma nova realidade de convivência, entre muçulmanos e não muçulmanos, e que o diálogo acabe com a fenda criada entre o mundo islâmico no 11 de setembro. E que a causa das mulheres muçulmanas possa se estender a todas as mulheres e minorias. Pois, somente desta forma a proposta humanitária pode realmente se concretizar.⁹¹

⁹¹ MARQUES, Vera Lucia Maia. Mulheres e Muçulmanas. **Fazendo Gênero n. 9**: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 23-26 ago. 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278288843_ARQUIVO_MulhereseMuculmanas%5B2%5D.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2017.

As autoras que foram analisadas acreditam na força de representar a rainha Kahina como símbolo de resistência para a conquista de uma sociedade mais igualitária para as mulheres magrebinas. Os desafios para assegurarem de fato seus direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais são significativos. Mudanças que não permitam a instrumentalização da religião pelas elites do Estado, permitindo a continuação de conceitos retrógrados do poder e interpretações misóginas e patriarcais de textos religiosos. Lutar para acesso à educação e ao saber deve ser uma meta obrigatória para fazer diminuir as violações sistemáticas dos direitos das mulheres.

Pesquisar sobre Kahina, essa rainha fascinante, foi um desafio, porém instigante. Estar presente na memória coletiva do Magreb desde o século VII até hoje, mostra uma personalidade que além de resistir ao invasor teve uma capacidade de unir os grupos Imazighen, e enfrentar com coragem até sua morte. As diferentes origens atribuídas a Kahina lhe dão um valor simbólico que é reivindicado por diferentes grupos.

Representar Kahina como símbolo das mulheres significa mostrar que elas não podem aceitar um presente em que grupos islamistas as querem oprimir. Essas incansáveis mulheres estão resistindo e não aceitam o silêncio imposto, o desejo proibido, a história esquecida. Ativistas ou anônimas continuam na luta, não desistindo. Guerreiras, assim como foi a rainha Kahina.

FONTES

BOUHOUNE, Baya Jurquet; JURQUET, Jacques. **Femmes Algériennes**. De la Kahina au Code de la Famille. Paris: Éditeurs Les Temps de Cerises, 2007.

GLACIER, Osire. **Femmes Politiques au Maroc d’hier à aujourd’hui**. La résistance et le pouvoir au féminin. Casablanca: Tarik éditions, 2016.

HALIMI, Gisèle. **La Kahina**. Paris: Plon éditions, 2006.

ZÉRAOUI, Nahla. **Les différents statuts de la Kahina dans la littérature d’expression française**. Thèse (Doctorat en Langues, et Littérature Française et Comparée) - Comté. École Doctorale “Langages, Espaces, Temps, Sociétés, Université de Franche, 13 déc. 2007.

REFERÊNCIAS

- AMBRÓSIO, Gabriel; KASSOUM, Diéme. Cheik Anta Diop e a produção do conhecimento científico in: MACEDO, Rivair José (Org.). **O pensamento africano do século XX**. São Paulo: Outras Expressões, 2016.
- ARTES E HUMOR DE MULHER. **Pinturas de Charles Emile Lecomte**. 2012. Disponível em: <<https://arteshumordemulher.wordpress.com/pinturas-de-charles-emile-lecomte-21>>. Acesso em 2 dez. 2017.
- BERBERES. **Atmane Saâdi déclare kofr la statue de la Kahina à Khenchela**. Nouvelle. 24 out. 2009. Disponível em: <www.berberes.com/nouvelles/1687-atmane-saade-declare-kofr-la-statue-de-la-kahina-a-khenchela>. Acesso em: 3 nov. 2017.
- BOURDIER, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- CABRÉ, Iolanda Aixelà. Direitos e Deveres das Mulheres do Magreb: uma aproximação comparativa no campo legislativo. In: ROSADO-NUNES, Maria José. **Direitos Humanos das mulheres nas religiões no século XXI**. Edições Loyola, 1999.
- CAMPS, Gabriel. **L’Afrique du Nord au féminin: héroïnes du Magreb e du Sahara**. Paris: Ed. Perrin, 1992.
- _____. **Les Berbères**. Mémoire et identité. Paris: Ed. Actes Sud, 2007.
- CAUDEL, Maurice. **Premières invasions arabes dans l’Afrique du Nord**. Paris: Ed. Ernest Leroux, 1900.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.
- DJURDJURA. **Kahina**. In: Penthesilée ou Sappho? Musique Penthesilée. 2010. (Musica). Disponível em: <<https://www.musicme.com/Djurdjura/.../Kahina-6E7A6B5F337659...>>; <<https://www.musicme.com/Djurdjura/.../Kahina-Version-Kabyle-51>>. Acesso em: 20 nov. 2010
- DOUIDER, Samira: Deux Mythes féminins du Magreb: La Kahina et Aïcha Kandicha. **Recherche & Travaux**, Grenoble, n. 81, p.75-81, 2012. Disponível em: <http://recherchetraux.reiviesorg/547>. Acesso em: 10 nov. 2017.
- ÉTUDES MAROCAINE. 2017. Disponível em: <etudesmarocaines.com>. Acesso em: 10 nov. 2017.
- FRANCE CULTURE. **Biographie de Gisèle Halimi**. 2017. Disponível em: <<https://www.franceculture.fr/personne/gisele-halimi>>. Acesso em: 10 ago. 2017.
- GAUTIER, Emille Félix. **Le Passé de l’Afrique du Nord**. Les siècles obscurs. Paris: Ed. Payot, 1964.

GREGAM. **Groupe de Recherches et D'Études sur le genre au Maroc**. Disponível em: <http://gregam.hypotheses.org/>. Acesso em: 4 abr. 2017.

GSELL, Stephané. **Études sur l'Afrique Antique**. Scripta Varia (travaux et recherches). Lille: ed. Université de Lille, 1981.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

HALIMI, Gisèle. **Le lait de l'oranger**. Paris: Gallimard, 1990.

_____. **La cause des femmes**. Paris: Gallimard, "Folio", 1992.

HANNOUN, Abdelmajid. **Historiographie et légend au Magreb: La Kahina ou la production d'une mémoire**. 1999. Disponível em: <www.persee.fr/doc/ahess_0395-26491999_num_54_3_279771>. Acesso em: 10 out. 2017.

HOUNTONDJI, Paulin. Conhecimento de África, conhecimento de africanos: duas perspectivas sobre os Estudos Africanos. In: SANTOS, Boaventura Souza; MENESES, Maria (Orgs). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almendina, 2009.

IDRIS, Roger Hady. **Le Récit d'Al Malik sur la conquête de l'Ifrikiya**. Paris: Laboratoire Orientalista Paul Geuthner, 1969.

KATEB YACINE. **Kahina, a rainha berbere de Aurès**. 27 abr. 2014. Disponível em: <yacinekateb.blogspot.com.br/20/04/04kahina-rainha-berbere-de-aures.html>. Acesso em 5 dez. 2017.

KHALDOUN, Ibn. **Histoire des Berbères**. Alger: Éditions Berti, 2003.

LAROUI, Abdallah. **Histoire del Magreb**. Madri: Editorial MAPFRE, 1994.

LE MATIN D'ALGÉRIE. La statue de la reine amazigh Dihya incendiée à Baghaï (Khenchela). **Actualité**. 12 ago. 2016. Disponível em: <www.lematindz.net/news/21515-la-statue-de-la-reine-amazigh-dihya-incendiee-abaghai-khenchela.html>. Acesso em: 10 nov. 2017.

LIMA, Valdecila Cruz. **Feminismo islâmico: mediações discursivas e limites práticos**. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

_____. **Feminismo Islâmico: Uma proposta em construção. Seminário Internacional Fazendo Gênero** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora Unicamp, 1996.

MACEDO, José Rivair. **Desvendando a história da África**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008.

_____. **História da África**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

_____. **O pensamento Africano no século XX**. São Paulo: Outras Expressões, 2016.

MAGREB STUDIES ASSOCIATION. The word Maghreb. 2004. Disponível em: <http://www.maghreb-studies-association.co.uk/en/allhome.html>> Acesso em: 10 nov. 2017.

MARQUES, Vera Lucia Maia. Mulheres e Muçulmanas. **Fazendo Gênero n. 9**: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 23-26 ago. 2010. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278288843_ARQUIVO_MulhereseMuculmanas%5B2%5D.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2017.

MERNISSI, Fatima. **The veil and the male elite**: A Feminist Interpretation of Islam. New York: Basic Books, 1991.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e Política**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2014.

NATIONALIA. **Peoples and Nations Today**: Amazighs. Language and culture, Political parties and trade-unions, Politics and institutions, Civil society and social movements. Abr. 2010. Disponível em: <https://www.nationalia.info/new/9162/peoples-and-nations-today-amazighs#prettyPhoto>. Acesso em: 10 dez. 2017.

NEBOT, Didier. **La Kahéna reine D'Ifrikia**. Paris: Des éditions Anne Carrière, 1998.

NORA, Pierre. Entre memória e história; a problemática dos lugares. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos**, São Paulo, n. 10, 1993.

PAULA, Frederico Mendes. Os berberes. **História de Portugal em Marrocos**, set. 2016. Disponível em: <https://historiasdeportugalemarrocos.com/2016/09/03/os-berberes/> Acesso em 5 dez. 2017.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: editora Contexto, 2011.

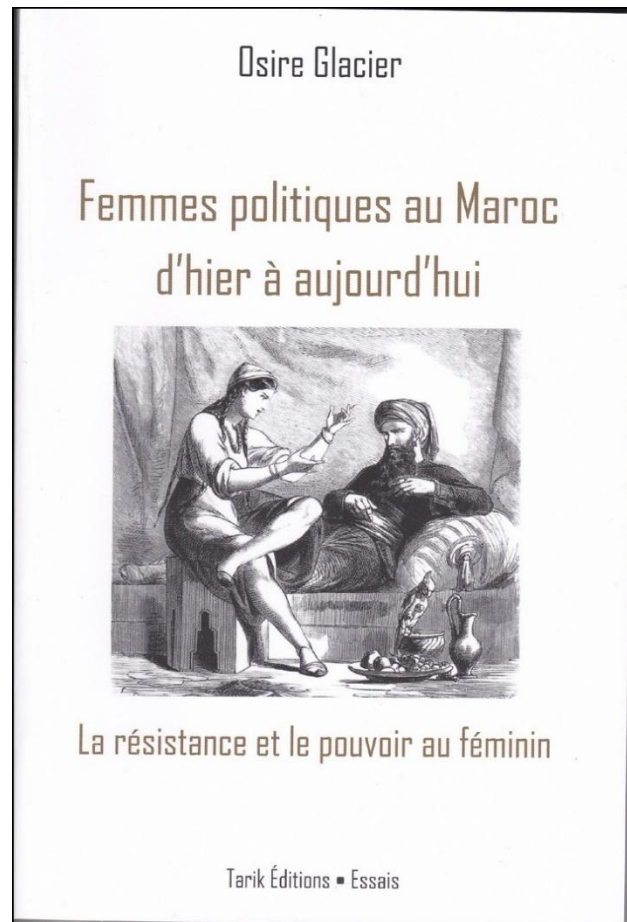
RADIO ALGER. **Entrevista com Gisèle Halimi – La Kahina**. 7 jun. 2008. (8min50s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WaoniXQT7ME>>. Acesso em 10/8/2017.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**. Feminismos, escrita de si e invenções de subjetividade. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org). **A escrita da História**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

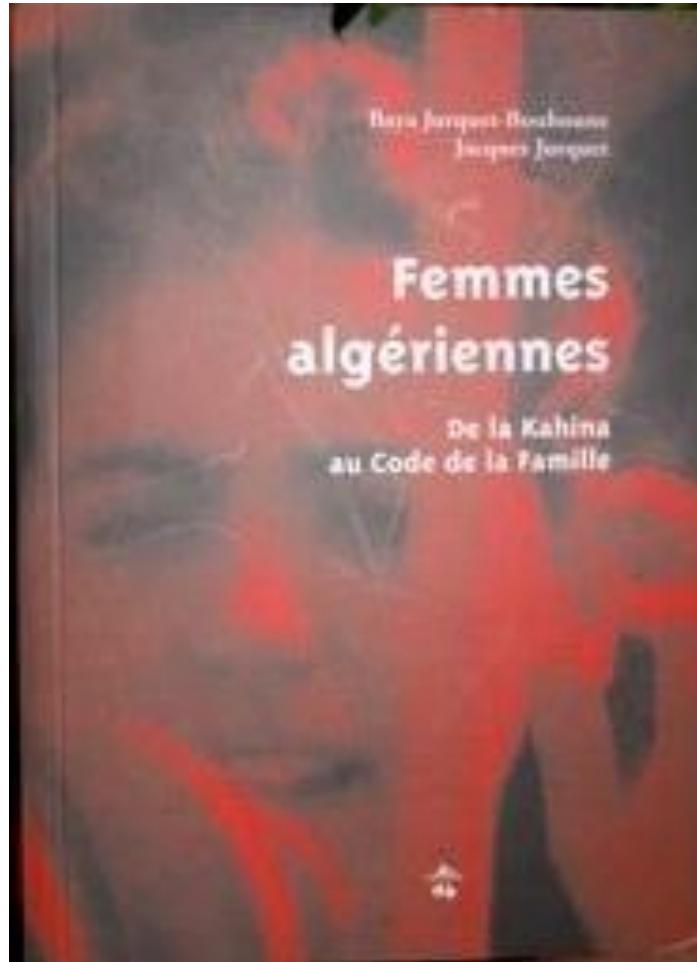
SILVÉRIO, Valter Roberto. **Síntese da Coleção História Geral da África: Pré-História ao século XVI**. Brasília: Unesco/ MEC/ UFSCAR, 2013.

YACINE, Kateb. **Parce que c'est une femme**. Paris: Éditions des Femmes Antoinette Fouque, 2004.

ANEXO A – CAPA DO LIVRO DE OSIRE GLACIER⁹²

⁹² GLACIER, Osire. **Femmes Politiques au Maroc d'hier à aujourd'hui**. La résistance et le pouvoir au féminin. Casablanca: Tarik éditions, 2016.

ANEXO B – CAPA DO LIVRO DE BAYA JURQUET BOUHOUNE E JACQUES JURQUET⁹³



⁹³ BOUHOUNE, Baya Jurquet; JURQUET, Jacques. **Femmes Algériennes**. De la Kahina au Code de la Famille. Paris: Éditeurs Les Temps de Cerises, 2007.

ANEXO C – CAPA DO LIVRO DE NAHLA ZÉRAOUI⁹⁴

⁹⁴ ZÉRAOUI, Nahla. Les différents statuts de la Kahéna dans la littérature d'expression française. Thèse en vue de l'obtention du doctorat en langues et littérature française et comparée. Université de Franche – Comté. École Doctorale "Langages, Espaces, Temps, Sociétés, 13 décembre, 2007. (TESE)

ANEXO D – BANDEIRA AMAZIGH⁹⁵

⁹⁵ NATIONALIA. **Peoples and Nations Today**: Amazighs. Language and culture, Political parties and trade-unions, Politics and institutions, Civil society and social movements. Abr. 2010. Disponível em: <https://www.nationalia.info/new/9162/peoples-and-nations-today-amazighs#prettyPhoto>. Acesso em: 10 dez. 2017.